

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

JAILMA SIMONE GONÇALVES LEITE

**A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA EM
UNIDADES JORNALÍSTICAS DO ESTADO DA PARAÍBA:**

As Condições da Construção de Sentido da Informação

João Pessoa

2015

JAILMA SIMONE GONÇALVES LEITE

**A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA EM
UNIDADES JORNALÍSTICAS DO ESTADO DA PARAÍBA:
As Condições da Construção de Sentido da Informação**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação DA Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Mestra em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza

João Pessoa

2015

JAILMA SIMONE GONÇALVES LEITE

**A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA EM
UNIDADES JORNALÍSTICAS DO ESTADO DA PARAÍBA:
As Condições da Construção de Sentido da Informação**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, em
____/____/____.

BANCA DE DEFESA

Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza – ICHCA/UFAL (orientador)

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto – DCI/UFPB

Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva – DECOM/UEPB

Prof. Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia – DCI/UFPB (Suplente)

Prof. Dra. Olga Maria Tavares da Silva – DECOM/UFPB (Suplente)

Aos meus pais, que são esmero da minha conduta
e pilares que sustentam meus saberes.
Dedico.

AGRADECIMENTOS

Quão grandioso é o Senhor que cessa os fardos e concede graças aos que pedem. A Deus toda honra e agradecimentos pela permissão de ter alcançado o grau de Mestra.

Aos meus pais. Com simplicidade me ensinaram os caminhos do conhecimento. Foram mestres ao tratar com paciência minhas angústias frente aos desafios. São doutores na sapiência e afetividade. A eles meus agradecimentos.

Aos amigos (e são muitos) que acreditaram em meu potencial, que estiveram comigo em toda caminhada acadêmica, que incentivaram o meu retorno à academia... Bia, Rosângela, Andressa, em especial. Muito obrigada.

Ao professor Paulo Rosa (*In Memoria*). Amigo que o jornalismo me presenteou. Foram muitas tardes de diálogos, entrevistas, orientações. A ele minha eterna gratidão por ter semeado em mim a vontade de descobrir novas fronteiras da ciência. Por me apresentar a Ciência da Informação como caminho de retorno à academia. Meus agradecimentos, mestre!

Aos amigos que a Ciência da Informação me presenteou. A toda turma de 2013, muito obrigada pelos momentos únicos que foram vividos entre estudos e comemorações, onde foram construídas amizades para a vida, muito além dos muros da universidade. Em especial, Raissa, Geovanna, Derek, Ana Córdula, Narjara.

Aos professores que compartilharam seus conhecimentos durante os longos períodos de aulas. Foram valiosos e imprescindíveis para o meu alicerce intelectual e engrandecimento profissional. Muito obrigada especialmente ao professor Marckson Roberto pela acolhida como aluna especial na disciplina de Arquitetura da Informação. Foi primordial para o meu ingresso no PPGCI.

Ao meu orientador Edivanio Duarte. Um professor diferenciado que orienta, incentiva e exige com sutileza o esmero na pesquisa científica, com quem pude aprender e me espelhar.

À professora Bernardina Freire pela conduta profissional e amor ao conduzir os trabalhos do PPGCI.

Aos professores que integram à minha banca pelas contribuições fundamentais para o andamento da pesquisa.

A todos, minha gratidão!

RESUMO

O fluxo de informação nas redações das empresas de jornalismo impõe desafios aos profissionais jornalistas usuários da informação, especificamente, nos processos que envolvem a produção de notícia. Esses processos compreendem as etapas de recepção de dados; apuração do fato; descrição dos elementos informativos; e disseminação da informação. Nesse conjunto, objetivamos investigar os processos de produção de notícia em unidades jornalísticas e suas condições de informatividade para construção de sentidos. Para tanto, buscamos especificamente descrever os fluxos de informação que envolvem a construção da notícia; identificar as fontes de informação que subsidiam a construção da notícia nas unidades jornalística e suas interfaces de confiabilidade; verificar os aspectos políticos e sociais que influenciam na organização e comunicação da notícia enquanto estrutura significante; e examinar as condições de informatividade nos processos de produção, comunicação e uso da informação nas unidades jornalísticas. Tem como universo as sete emissoras de televisão detentoras de concessão pública, no Estado da Paraíba: TV Correio (Record), TV Arapuã (Rede TV), TV Tambaú (SBT), TV Cabo Branco (Globo), TV Clube (Band), TV Paraíba – (Globo) e TV Borborema (SBT). Nos procedimentos metodológicos, adotamos o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposto por Lefèvre e Lefèvre (2003), que se revela como um instrumento ordenado e eficaz de comunicação, que está na base de todas as representações sociais. O estudo apresenta-se numa perspectiva qualitativa, cuja abordagem aprofunda a investigação do universo dos significados das ações e relações humanas, conforme Minayo (1996), essa abordagem se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada, pois atende a natureza de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, condições indicadas para escolha do método DSC. Na coleta de dados, foram utilizadas entrevistas orais semi-estruturada com editores de texto do Sistema Correio de Televisão, afiliada a Rede Record na Paraíba e da TV Clube, afiliada Band na Paraíba. As duas empresas apresentam aspectos diferentes quanto à cultura, à ideologia e aos índices de audiência. Embora ocupem espaços diferentes no que preza as correntes ideológicas, a condição de informatividade nessas unidades jornalísticas é semelhante quanto à forma de abordagem e aos encaminhamentos editoriais. Os resultados evidenciam que mecanismos de controle editorial abarcam forças políticas e econômicas, estas regulam os fluxos da informação jornalística. A confiabilidade da notícia é resultante desse processo, uma vez que é modelada para atender a interesses individuais e, por conseguinte, é diluída a praxe jornalística no que reza a ética profissional. As fontes de informação que subsidiam dados e fatos jornalísticos tornam-se secundárias, uma vez a disseminação da informação jornalística atende aos informes e ditames das instituições mercantilizadas, compreendidas nesse contexto como dispositivos de poder a partir da concepção de Foucault (2012). Tais acontecimentos indicam a interferência direta das forças políticas e econômicas na construção do sentido da informação, logo os profissionais jornalistas estão sob a tutela dessas organizações que, por sua vez, dão forma aos acontecimentos cotidianos a partir de seus interesses, comprometendo aspectos de informatividade na produção de notícias nas unidades jornalísticas.

Palavras-chave: Comunicação da Informação Jornalística. Fontes de Informação. Informatividade da Notícia. Produção da Informação. Unidades Jornalísticas.

ABSTRACT

The flow of information in the newsroom of journalism companies poses challenges to professional journalists users of information, specifically in cases involving the news production. These methods comprise the steps of data collection; determination of fact; description of that information; and dissemination of information. In this set, we aimed to investigate the news production processes in journalistic units and their informativeness of conditions for construction of meaning. Therefore, we seek to specifically describe the information flows involving the construction of the news; identify the sources of information that subsidize the construction of the news in journalistic units and their reliability interfaces; check the political and social aspects that influence the organization and communication of news as significant structure; and examine the conditions of informativeness in production processes, communication and use of information in journalistic units. Its universe seven television stations holding public concession in the State of Paraíba: TV Correio (Record), TV Arapuã (TV Network), TV Tambaú (SBT), TV Cabo Branco (Globo), TV Clube (Band) TV Paraíba - (Globo) and TV Borborema (SBT). In the methodological procedures, we adopted the Collective Subject Discourse (CSD), proposed by Lefèvre and Lefèvre (2003), which reveals itself as an orderly and effective tool of communication, which is the basis of all social representations. The study presents a qualitative perspective, the approach deepens the investigation of the universe of meanings of human actions and relations, according to Minayo (1996), this approach is concerned with a level of reality that can not be quantified because it meets the nature of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes, conditions indicated to choose the DSC method. During data collection, we used semi-structured oral interviews with text editors Mail Television System, affiliated to Rede Record in Paraíba and TV Club Band affiliate in Paraíba. The two companies have different aspects as culture, ideology and ratings. Although occupying different in that values the ideological currents, the condition of informativeness these journalistic units is similar on how to approach and editorial referrals. The results show that editorial control mechanisms cover political and economic forces, they regulate the flow of journalistic information. The reliability information is the result of this process, since it is shaped to suit individual interests and therefore the newspaper is diluted in the customary which reads the work ethic. Information sources that support data and journalistic facts become secondary, the spread of journalistic information once meets the reports and dictates of mercantile institutions, understood in this context as expressions of power from the design of Foucault (2012). These events indicate direct interference from political and economic forces in the construction of the meaning of information, so journalists are professionals under the umbrella of these organizations that, in turn, shape the daily events from their interests, compromising aspects of informativeness in production of news in journalistic units.

Keywords: Communication Journalism info. Sources of Information. Informativeness News. Information production. Journalistic units.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Fluxo da informação na prática da produção de notícia jornalística	29
Figura 2 – Composição de rede de informação para produção da notícia jornalística	34
Figura 3 – Pergunta 1 Resposta Repórter 1.....	54
Figura 4 – Pergunta 1 Resposta repórter 2 e editor 1	55
Figura 5 - Pergunta 1 Resposta Editor 2	56
Figura 6 - Pergunta 2 Resposta Editor 2	58
Figura 7 - Pergunta 2 Resposta Repórter 2 e Editor 1	59
Figura 8 - Pergunta 2 Resposta Repórter 1	60
Figura 9 - Pergunta 3 Resposta Editor 1	60
Figura 10 - Pergunta 3 Resposta Repórter 2	61
Figura 11 - Pergunta 3 Resposta Repórter 1	61
Figura 12 - Quadro 1 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central – DSC	63
Figura 13 - Quadro 2 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central – DSC	65
Figura 14 - Quadro 3 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central – DSC	67
Figura 15 - Quadro 4 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central – DSC	68
Figura 16 - Quadro 5 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central – DSC	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ancoragem
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECh	Expressão-Chave
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística
IC	Ideia-Central
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PB	Paraíba
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TV	Televisão

SUMÁRIO

01	INTRODUÇÃO.....	10
02	A PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO: INTERFACES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E NA COMUNICAÇÃO SOCIAL	17
2.1	A notícia como forma de conhecimento.....	18
2.2	Jornalismo e informatividade: interfaces na comunicação da notícia.....	22
3	CONDIÇÕES DA INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA: AS FORÇAS QUE GOVERNAM OS FLUXOS EM UNIDADES JORNALÍSTICAS	27
3.1	Processos e produto informacional: a notícia como mercadoria	28
4	FONTES DE INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA: CONFIABILIDADE DA NOTÍCIA NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS	32
5	NOTICIABILIDADE E INFORMATIVIDADE: DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO À CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA	37
5.1	Da cadeia produtiva da notícia: critérios de noticiabilidade	40
6	AS REPRESENTAÇÕES DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DO DSC	43
6.1	Caracterização da notícia	45
6.2	Universo e amostragem da pesquisa	46
6.3	Métodos de Coleta e Sistematização dos Dados	47
6.4	Análise e Construção do DSC	50
7	AS CONDIÇÕES DA INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS.....	52
7.1	As forças que governam a comunicação da notícia	53
7.2	Autorização política para o controle editorial	57
7.3	A construção de sentido da informação: das condições de produção além da notícia	62
7.4	Noticiabilidade e informatividade: interfaces na produção de notícias	65
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS.....	75

1 INTRODUÇÃO

A informação como fenômeno que abrange as relações humanas, esferas cognitivas e sua apreensão enquanto particularidade do conhecimento auxilia na tomada de decisão. Condição discutida pela Ciência da Informação, sobretudo a partir da década de 1960, concentrando suas reflexões nas propriedades e comportamento informacional a partir das forças que governam seus fluxos. Preocupações levantadas por Saracevic (1996), Capurro (1991) e outros. Inerente a essa condição, as particularidades que envolvem a produção, o acesso e o uso estão relacionadas a contextos políticos, sociais e econômicos que se manifestam no controle de tais processos a partir de instituições que regulam e definem os sujeitos sociais detentores da informação. Essas condições ordenam os modelos da informação enquanto objeto cultural, econômico e social. As designações de valores informacionais obedecem a um determinado tempo e espaço onde as forças governamentais atuam e regulamentam o acesso e o uso. Nesse contexto surge a “Sociedade da Informação”, quando a oferta e a demanda da informação acontecem como troca de mercadorias.

Em um breve recorte histórico, é possível atestar que a informação está relacionado à certa condição de poder. Num primeiro momento, considerando o início da chamada Idade Moderna, no século XVI, somente os fidalgos, o clero e a burguesia podiam ter acesso a esse recurso, sendo os elementos informacionais um dos condicionantes para as classes dominantes exercerem seu poder frente à maioria. O recorte histórico pontua o poder e a força motriz da informação como valor material e social.

Ao longo dos séculos, novas demandas foram surgindo e, com isso, novas ordens sociais cunhadas. Com o advento das tecnologias, sobretudo a partir da década de 1960, modelos de interação entre pessoas, máquinas, instituições e governos foram remodelados, sendo a Internet a principal ferramenta responsável por diminuir distâncias, por vez encurtando laços e refazendo significações.

Notadamente, a partir da década de 1970, as possibilidades de produção e disseminação da informação foram ampliadas, pois, com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), dados são lançados em redes digitais de maneira a facilitar a inter-relação entre pessoas e processos. Em tese, tais condições apresentam situação favorável ao sujeito que dispõe de diversos canais de comunicação que podem facilitar o acesso à informação. É nesse contexto que se configura a tão propagada “Sociedade da Informação e do Conhecimento”, termo amplamente debatido e pouco criticado, frente à

possibilidade de produzir, armazenar e compartilhar informação em múltiplos formatos e em grande escala por meio de redes digitais.

Tais condições ressaltam a importância da demanda crescente das TIC no desenvolvimento dos mecanismos comunicacionais para transformar a informação na fonte principal de produção de valor e conhecimento na pós-modernidade, assim considerada por Kumar (2006) a mais abrangente das teorias que comprehende todas as formas de mudanças, seja cultural, política e econômica, pois, tudo está desconecto e fracionados por intermédio das redes telemáticas que cunham essa (des) ordem social. Essas características temporais-espaciais têm efeitos sobre a formação das identidades culturais e inserem no contexto informacional como demanda econômica.

É importante lembrar que os estudos não se restringem a esse contexto, é necessário aprofundar os constructos teóricos no campo da explosão digital, pois informação é sempre um conceito complexo, não é um fenômeno estático, mas um acontecimento presente em todas as atividades humanas, inclusive na própria qualificação da sociedade atual, que entre outros recebe o nome de sociedade da informação.

A observância cronológica e histórica pontua os problemas de informação inerentes ao tempo e espaço em que acontece, sobretudo, ressaltando uma condição social produzida a partir do contexto histórico e econômico de cada época. Isso demonstra que o problema da informação não é recente, está presente desde os primórdios, e parece não haver um farol indicativo para o futuro que anule problemas de ordem informacional, visto ser um fenômeno intrínseco ao homem, onde seus fluxos e circulação obedecem a uma cadeia de processos que desencadeiam em procedimentos de uso, apropriação e criação de dados, acontecimentos, informação e conhecimento, costurando assim uma teia cíclica.

Em geral, os meios de comunicação de massa, assim como inúmeros pensadores de diversas áreas, repetem exaustivamente o termo “informação” para referenciar assuntos ligados à ciência, à comunicação, às notícias e a outros domínios. No entanto, o uso da palavra isoladamente parece não possuir um significado expressivo. Para Drucker (1999, p. 112), “informação é um conjunto de dados dotados de relevância e propósito e são as pessoas que dotam tais dados com os atributos relevância e propósito”.

Essa simultaneidade de elementos informacionais oriundo da revolução do conhecimento e da tecnologia impõe a sociedade atual um grande desafio qual seja acompanhar o rápido crescimento do volume de informação, muitas vezes, duplicada, de baixa qualidade, desatualizada e inconsistente. Ademais, essa representação histórica, social e, sobretudo, econômica, modifica as condições mercantis, favorecendo o desenvolvimento das

forças produtivas da sociedade. Nesse contexto, o conhecimento é notadamente reconfigurado para uma condição de valor imaterial para as organizações e valor subjetivo para as pessoas que detiverem a possibilidade de acumular em seu estoque cognitivo.

Frente a esta demanda estão as empresas de comunicação, observando sua rotina de armazenar, produzir e disseminar conteúdo informacional, mas também consumir informações em massa para poder veicular assuntos de interesse da coletividade. No campo da Ciência da Informação, é oportuno salientar que uma análise do processo de comunicação jornalística comprehende, sobretudo, a busca, a produção e o uso da informação. Este último acontece em três arenas que estão interconectadas, a saber: a formação de sentidos, a comunicação da informação e o processo de aprendizagem. Segundo Choo (2003), o uso da informação comprehende a formação de sentido quando seus processos abarcam a condição de significação. No campo da comunicação da informação, atuam esferas que vão desde o processo da materialidade da informação até aspectos cognitivos que representam a interpretação daquilo que se aplica à questão informativa. Por último, o processo de aprendizagem que, nas condições já descritas, representa a possibilidade de codificação e decodificação com a finalidade de retroalimentar o ciclo informacional.

Se informação é uma condição natural do indivíduo, esses aspectos provêm da compreensão do objeto informação enquanto forma instituída de memória, gestão, distribuição e recepção dos artefatos culturais, estes considerados elemento de ligação entre as dimensões identitária e imaginária. Tais métodos governam o funcionamento da “instituição total da sociedade” e da própria dinâmica cultural.

A informação, portanto, deve ser compreendida como um dado capaz de ser interpretado, considerando os diversos problemas decorrentes de cada época, porém, sem perder de vista sua origem histórica e o princípio básico de sua raiz como geradora de conhecimento e riqueza intelectual. Nesse processo, há um imbricado de sentidos e representações inerentes àqueles que têm a função de disseminar a informação, decodificar dados e lançá-los em canais informativos que possam ser condutores de conteúdos nos mais diversos formatos, para públicos heterogêneos capazes de também condicionar os valores informativos de acordo com suas necessidades, entre outros aspectos.

Nesse cenário, as empresas de comunicação têm suas peculiaridades quanto à gestão de informações, visto a administração de grande fluxo de comunicação na utilização de diversos canais informativos, mediante a atividade de geração de conteúdo informacional para sociedade. Assim, essas corporações enfrentam problemas frequentes para gerenciar e

caracterizar o processo de gestão da informação e do conhecimento no âmbito de seus negócios, tanto para o público interno quanto para o externo.

Considerando as condições de informatividade da produção de notícias inerentes às unidades jornalísticas, cabe refletir quanto aos aspectos cognitivo e material da informação, considerando a teoria peirciana da noção de signo e sinal como elementos informacionais. O primeiro parte de uma relação triádica entre o signo, o objeto e o interpretante (PEIRCE, 1970). O sinal, por sua vez, identifica-se com qualquer forma gráfica que possibilita a significação. São, portanto, duas entidades interligadas. Dessa conexão de sentidos, considera-se a informação como artefato, observando como fenômeno explicitamente humano e condicionado a fatores culturais, sociais e econômicos (AZEVEDO NETTO, 2002).

No campo da Comunicação Social, a cultura profissional e as rotinas produtivas, em regra, são determinantes para dissociação de conteúdo. Há, portanto, critérios regidos pela organização que culminam na decisão de veicular a notícia. Para tal fim, o profissional de jornalismo está encarregado de tornar o fato ocorrido em um acontecimento dotado de evidências e informatividade, condições capazes de provocar no usuário da informação, compreendido nesse contexto como o receptor da notícia, reações que sustentem a audiência.

Recorrendo a conceituação de informatividade é pertinente notar que o termo original vem da Linguística Textual, portanto, na contemporaneidade, considera-se o fato de que a compreensão de um texto depende do conhecimento acumulado do indivíduo que faz uso de determinada informação. Alguns autores da Ciência da Informação, tais como Capurro e Hjorland (2003, 2007), consideram essa condição de intertextualidade através da “análise de domínio” quando é vinculado o objeto informativo às estruturas informacionais, terminológicas e de linguagens discursivas produzidas pelas comunidades, estas, por sua vez, definem os critérios de relevância e fazem com que algo seja informativo.

Partindo do pressuposto da “isenção jornalística”, um dos pilares que sustenta a função do jornalismo, e sua relação com a produtividade informacional nas unidades jornalísticas, é relevante pensar nas condições sociais em que se configura a prática da divulgação das notícias para a sociedade. Pois, paralelo a esse imbricado de acontecimentos, há uma autorização organizacional para produzir e divulgar as notícias de acordo com interesses econômicos e políticos da gestão empresarial que assegura o seu interesse na promoção de seus negócios. Essa ordem imputa ao jornalista o dever de gerar determinado contexto em favor dos interesses envolvidos com a notícia, condição que pode interferir na confiabilidade da informação. Acontece que, durante a pré-seleção dos dados, há ocorrência de exclusão de fontes e fatos, bem como inclusão de outros elementos informativos. Essa relação entre fonte,

dados, acontecimentos e profissional jornalista tem reflexo direto na forma como a notícia chega ao usuário e, em certa medida, como este recebe aquela.

Enquanto o jornalista trabalha na possibilidade de obter maior proximidade com a informatividade, o usuário pode estar condicionado à passividade na recepção da notícia. Existem ainda conflitos cognitivos condizentes com as manifestações de crenças e significados próprios do profissional da comunicação, este responsável pelo uso, produção e disseminação da informação jornalística.

Os processos que envolvem o tratamento do fato, considerado o embrião da notícia na dinâmica do setor jornalístico, envolvem, pelo menos, quatro etapas até a sua veiculação, a saber: recepção do fato, apuração dos dados, descrição dos elementos informativos, e disseminação da informação. Tais fases compõem a produção de notícia, quando acontece a classificação desses dados coletados levando em consideração o grau de informatividade constituída a partir desses elementos que, em essência, dão “forma” à notícia.

Considerando a complexidade da demanda informacional e suas variáveis quanto à produção, ao uso e à comunicação, torna-se necessário investigar, no âmbito das empresas de comunicação, como se dão as diretrizes organizacionais arraigadas nos fluxos de informação que definem a produção da notícia. Por vezes, há condicionantes que implicam o tratamento da notícia enquanto produto de consumo midiático. Em tempo, a comunicação se dá sob enfoque mercantil, quando esta é submetida às condições comerciais que, em regra, financiam as despesas operacionais nas unidades jornalísticas. Intrínsecos à cultura mercantil, outros aspectos envolvem a prática jornalística no âmbito da Comunicação, pois são consideradas as esferas sociais, políticas, culturais e ideológicas das organizações na produção da notícia enquanto estrutura informativa que condiciona o sujeito em suas decisões e necessidades informacionais.

Nesse contexto, observa-se a existência de uma condição pré-seletiva de elementos informativos durante a produção da notícia. Com efeito, profissionais do jornalismo, bem como as empresas de comunicação, sistematizam critérios de noticiabilidade levando em consideração o valor informativo dos fatos e suas relações com o interesse público. *Nessa instância, à presente pesquisa interessa a forma de construção de informatividade no processo de produção da notícia em unidades jornalísticas.*

É salutar o questionamento, sobretudo, quanto à imparcialidade durante o tratamento das informações na produção da notícia, principalmente pelo fato de a constituição das estruturas significantes envolvidas em todo o processo está sob a tutela de instituições mercadológicas e políticas que podem estar direcionadas a atender interesses particulares e

econômicos. Nesse campo, é relevante suscitar reflexões quanto às condições de recepção e apuração dos fatos que subsidiam a produção da notícia, levando em consideração as relações sociais entre fonte de informação e profissionais do jornalismo.

É nesse campo de atuação que está fundamentada a pesquisa, na perspectiva de ampliar constructos teóricos que contribuam para a compreensão da informatividade da notícia como estruturas significantes e suas correlações com regimes de informação. Portanto, o objetivo geral da pesquisa é investigar os processos de produção de notícia em unidades jornalísticas e suas condições de informatividade para construção de sentidos. Nesse horizonte, busca-se especificamente:

- descrever os fluxos de informação que envolvem a construção da notícia;
- identificar as fontes de informação que subsidiam a construção da notícia nas unidades jornalística e suas interfaces de confiabilidade;
- verificar os aspectos políticos e sociais que influenciam na organização e comunicação da notícia enquanto estrutura significante;
- examinar as condições de informatividade nos processos de produção, comunicação e uso da informação nas unidades jornalística.

A informação está presente na dinâmica da sociedade como fenômeno que acompanha as relações humanas e seus aspectos cognitivos. Por ser dinâmica e mutável, suas condições de produção, seu uso e sua comunicação torna-se um complexo que requer aprofundamento teórico nos diversos campos do conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa se encontra organizada em oito itens. No primeiro, apresentamos a contextualização temática, preocupando-se em descrever os processos que envolvem a produção de notícia e suas perspectivas de informatividade nas unidades jornalística, levando em consideração aspectos que abrangem os campos ideológicos, sociais e culturais compreendidos nesses processos, além disso, apresenta a problematização em torno da produção da notícia jornalística, a relevância e os objetivos da pesquisa.

No segundo item, discutimos os aspectos teóricos concernentes aos fenômenos informação e conhecimento, refletindo suas particularidades e compreensões nos campos da Ciência da Informação e da Comunicação Social.

No terceiro item, apresentamos a dinâmica operacional do núcleo de produção e disseminação da notícia (redação). Nessa etapa discutimos as condições de informatividade a partir dos fluxos e demanda da informação nas unidades jornalísticas. Apresentamos as particularidades na tomada de decisão quanto à relevância daquilo que será disseminado como

notícia. Há ilustração representativa evidenciando os elementos circulantes nos fluxos para produção da informação jornalística.

No quarto item, discutimos a relação do profissional jornalista com as fontes que subsidiam os dados enquanto matéria prima para produção da notícia. Aprofundamos questões que envolvem a busca e o uso da informação como condicionantes para a disseminação de outras informações. Consideramos a relação de troca de conteúdo entre fontes, redes e jornalista, dentro de um ciclo que se movimenta em direção à produção de informação em grande escala. E, ainda, refletimos quanto à procedência das fontes e a veracidade dos fatos circulantes na rede de composição da informatividade.

No quinto item, apresentamos alguns aspectos conceituais acerca da notícia e da informatividade. Desta feita, compreendemos que a notícia é um componente do jornalismo, sendo este o dever de informar. Portanto, apontamos a ideia de que a informatividade é algo que antecede o conteúdo jornalístico, apesar de ser dele também resultante. Nesse aspecto, consideramos a informatividade como condicionante na construção de sentidos.

No sexto item, apresentamos os procedimentos metodológicos, adotando o método de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como técnica de análise de discurso, que se revela como um instrumento ordenado e eficaz de comunicação, que está na base de todas as representações sociais, na medida em que, em última instância, resultam de processos interacionais articuladores da construção social da realidade. A coleta de dados se deu a partir da aplicação de entrevistas orais com editores de texto televisivo responsáveis pela escolha de notícias a serem divulgadas, e também com repórteres de televisão que coletam as informações através de suas fontes para transformá-las em notícias. Os profissionais atuam no jornalismo em emissoras de televisão situadas em João Pessoa, a saber TV Correio, afiliada da Record e TV Clube, afiliada da Band na Paraíba.

No sétimo item, foram catalogados os resultados a partir das análises dos discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Apresentamos gráficos ilustrativos com os recortes das falas dos pesquisados onde é apresentado o DSC de cada sujeito. Discutimos os aspectos teóricos e práticos que envolvem o processo de produção de notícia em unidades jornalísticas enumerando as condições de construção de sentido da informação.

Por último, concluímos que os processos de produção de notícias em unidades jornalística são regidos por sistemas políticos, econômicos e sociais que envolvem desde o aspecto operacional até as condições de sentido da informação que é comunicada.

2 A PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO: INTERFACES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Como objeto de estudo da Ciência da Informação, o termo “informação” vem sendo apresentado numa construção contínua de saberes a partir de estudos elaborados em complexas teorias que abrangem a transdisciplinaridade. No partilhar de outras ciências, os conceitos acabam controversa a própria definição de informação, pois, ao longo do tempo tem sido tratado como diversos e, por vez, divergentes significados sob o olhar de áreas e campos científicos diferentes, quer seja na Ciência da Computação, na Comunicação Social, na Semiolinguística, entre outros. A complexidade torna obscuro o tratamento dado por alguns autores que embaracam conceitos como comunicação e informação, outros confundem até mesmo informação com conhecimento.

De maneira geral, a informação constitui a principal matéria prima de toda a sociedade e o conhecimento a agregação de valor enquanto produto intelectual, uma espécie de subjetivação mercadológica. Em tempo, a abrangência conceitual dos termos é ampla e complexa. Extrapolando a esfera das máquinas inteligentes que quantificam as singularidades dos dispositivos técnicos, estes considerados propagadores e geradores de informação em grande escala.

No contexto da produção da notícia, perpassando as investigações jornalísticas e seus cabedais de estudos e teorias, a idéia de informação quase sempre está vinculada à noção de notícia. Embora a palavra “informação” esteja conectada aos estudos do campo jornalístico, não há arcabouços teóricos que se dediquem especificamente à designação ou ao aprofundamento do termo enquanto objeto de estudo.

No campo da Comunicação Social, a “notícia” é considerada informação na medida em que o jornalista a produz e dissemina para informar ao seu público de ocorrências e acontecimentos da sociedade. O profissional do jornalismo denotaria a idéia de um “divulgador” de informação, uma espécie de “comunicador” de acontecimentos. Essas características imputariam ao jornalista o tratamento adequado dos dados obtidos e, posteriormente, transformado em signos ou objetos de significação para o público, transformando fatos em notícias.

É nesse entrelaçamento de dados, acontecimento, informação e notícia que está instalada as condições da prática jornalística que possibilitam a criação do conhecimento. O fluxo informational presente nas redações das empresas de comunicação social compreende esses conectivos, que concedem à sociedade o direito à informação, que, por sua vez,

possibilitará alterações no estado de “saber” do indivíduo. Porém, é preciso avaliar os métodos de todo o processamento que envolve as práticas para captação da informação e produção de notícias.

A notícia é, portanto, carregada de graus de informatividade, composta de elementos informativos que dão forma ao contexto. Então, quando se faz referência à notícia, “automaticamente” está se referenciando a informação, logo, na prática produtiva das unidades jornalística, é comum atribuir o termo “jornalismo informativo” ou “conteúdos informacionais” como espécie de gêneros informativos que dão condições à sociedade de estar informada a partir da cobertura jornalística do cotidiano, cujo foco está centrado naquilo que acontece no mundo.

Nesse panorama, é atribuída à informação periódica, comunicada através da mídia, a condição de fonte exclusiva na obtenção de conhecimento sobre determinados temas. Mas o caráter semântico da informação ultrapassa as esferas disciplinares da Ciência da Informação e da Comunicação. Esta se apresenta nas mais diversas áreas científicas. Com efeito, como lembram Capurro e Hjorland (2007, p. 160), “atualmente, quase toda disciplina usa o conceito de informação dentro de seu próprio contexto e com relação a fenômenos específicos”.

Essa condição de adaptabilidade da informação concede às teorias a liberdade de tratar o termo em diferentes significados e intencionalidades difusas. No processo de comunicação da informação, Shannon e Weaver (1972) consideraram um modelo matemático composto de dois elementos primordiais para transmitir informações, que são o codificador (emissor) e o decodificador (receptor). Sem estes, a teoria matemática da informação não teria fundamento. Nesse sentido, o aspecto da significação é ignorado, pois, os autores consideram a mensagem um elemento passível de interpretações, porém, a carga semântica irrelevante para um mesmo contexto.

2.1 A notícia como forma de conhecimento

Na perspectiva da cognição, há considerações diversas para o aspecto da informação enquanto dado. Considerando o termo “dado” a partir de Buckland, (1991, p. 355), podemos compreender “como a forma plural da palavra latina ‘*datum*’, significa ‘coisas que foram dadas’. É, portanto, um termo adequado para o tipo de informação como coisa que foi processado de alguma forma para o uso”, e é nesse campo que a notícia está inserida, como algo que é modelado para o aproveitamento de algo ou alguém, sendo entregue como objeto ou coisa pública à medida de sua divulgação.

Recorremos ao conceito de “coisa” para compreender a amplitude do campo teórico que trata das propriedades da informação, sobretudo, informação como conhecimento. Para Ingold (2012, p. 29, grifo do autor), “a coisa, por sua vez, é um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para uma reunião”. Partindo dessa reflexão, “coisa” e “objeto” atuam em recortes distintos, porém, muitas vezes interpretados como singulares, como se o primeiro fosse algo esperado ou palpável tal qual o segundo. Ingold (2012, p. 29) diferencia o sentido dos dois termos concluindo que “o objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas”.

Noutro campo do conhecimento, desta feita na Comunicação Social, a compreensão dos termos abrange essa proposta. Se notícia é sempre um fato consumado, sendo assim, aproxima-se do conceito de objeto ao mesmo tempo em que se processa no inconsciente do sujeito como coisa ou acontecimento. Nessa perspectiva, a notícia é um caminho aberto para o conhecimento à medida que é transmitida a informação e esta armazenada na consciência do indivíduo de modo a passar a conhecer as “coisas”, os acontecimentos. Pois, informar é o método de gerar conhecimento a partir de um acontecimento.

Nesse contexto, o termo “fato”, usualmente considerado no meio jornalístico, designa uma informação em caráter de acontecimento. Há propostas teóricas que trazem luz à questão da informação enquanto fenômeno passível de ser transmitido através de técnicas e apurações jornalísticas. Uma delas é da relevância que se dá ao fato depurado em notícia.

Se tomado em sentido lato, o termo “informação” que procede da teoria matemática da comunicação indica que nem toda informação é jornalística, mas somente aquela que, por reunir algumas características determinadas, é difundida através dos meios de comunicação. Neste sentido, qualquer tipo de conhecimento presente em um suporte material pode ser considerado informação (um tratado de química, por exemplo). Só quando essa informação é digna de “consideração pública”, pela sua relevância para o conjunto da sociedade (por sua importância ou seu interesse), pode ser considerada “jornalística”; ou seja, suscetível de aparecer nos meios informativos. (MUNÓZ TORRES, 1997, p. 29, tradução nossa).

Para Kumar (2006, p. 50), “o conhecimento não só determina, em um grau sem precedentes, a inovação técnica e o crescimento econômico, mas está se tornando rapidamente a atividade-chave da economia e a principal determinante mudança ocupacional”.

Conforme Matellart (2006, p. 11), “a ideia de uma sociedade regida pela informação está, por assim dizer, inscrita no código genético do projeto de sociedade inspirado pela mística do número”. A informação é, portanto, um todo complexo que condiciona a construção do conhecimento. Desta feita, deve ser considerada um bem simbólico e não

material, portanto, um fenômeno que está presente em todas as atividades humanas, daí a complexidade ao buscar esclarecimentos em constructo teórico.

Sendo a informação um processo dinâmico e socialmente desordenado à medida que sua apreensão está condicionada ao sujeito e particulariza as formas de conhecimento que se desdobram em contingências cognitivas, justificam-se suas particularidades estarem inseridas na ciência enquanto objeto de estudo. Nesse campo, Bettencourt e Cianconi (2012) consideram a informação como um dado significante e representativo, incorporado em diversos formatos, que pode ser gerenciado, mensurado e controlado. Tais condições possibilitam a quantificação desses dados.

Por outro lado, as autoras deixam claro que não é possível quantificar a compreensão geral desses dados, visto o aspecto humano envolvido no processo cognitivo, condição próxima ao conhecimento, que é dinâmico e cumulativo, e depende de informações e experiências internalizadas do indivíduo. Essa concepção aproxima-se do pensamento elaborado em Latour (1994, p. 8), quando discute a perspectiva das redes no sentido de não localizar a ética e a técnica em pares dicotômicos, mas considerar a participação de não humanos na configuração dos conhecimentos e da ciência, pois, “qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura”.

É oportuno considerar que não há uma dissociação entre objeto e sujeito, pois a apreensão a que Hessen (1999) sustenta depende de uma série de acontecimentos inerentes à capacidade cognitiva do indivíduo durante o processo de interpretação da informação que lhe seja apresentada. É preciso considerar os atributos individuais que condicionam o sujeito durante a busca, a organização e o uso da informação. Essas variáveis são condições que influenciam a apropriação da informação pelo sujeito, de maneira a modificar seu estado cognitivo, conferindo-lhe posições de fala e de poder enquanto agente social.

Um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso. [...] um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica, não é a tese das diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas). (FOUCAULT, 2013, p. 220).

Assim como a informação é inerente ao indivíduo, não há um distanciamento entre informação e conhecimento. A primeira é condicionante do segundo, estando a informação em uma posição anterior ao conhecimento sem que, necessariamente, esteja em um prisma de

menor relevância. Talvez essa reflexão justifique a complexidade de buscar compreensão para os aspectos cognitivos da informação. Há pelo menos doze perspectivas de propriedades da informação que condicionam a apropriação e a transferência do conhecimento, conforme Mikhailov, Cherniy e Giliarevskii (1980, p. 74):

De todas as propriedades peculiares à informação selecionamos doze que, acreditamos ser essenciais e organizadas do mais geral para o mais específico. Estas propriedades incluem o seguinte: inseparabilidade da informação científica de seu suporte físico; não-aditividade, não-comutatividade e não-associatividade da informação científica; presença do valor; natureza social; natureza semântica e linguística (lógica); independência da linguagem que é expressa no suporte material e a partir dele.

Nesse horizonte, a prática de produção de notícias nas unidades jornalísticas pode estar interligada nessa dinâmica subjetiva de possibilidade de produzir conhecimento a partir da veiculação da notícia. É propositivo, pois, refletir sobre a interdependência entre informação e conhecimento, colocando à deriva a dissociação entre um fenômeno e outro, mas considerando aquela como parte condicionante do processo de conhecer.

As condições atuais da produção da informação e, por vezes, da geração do conhecimento não estão em pólos separados. Há uma interligação com o fenômeno material das tecnologias que assegura uma dinâmica sócio-econômica do saber, pois a tríade “conhecimento, informação e tecnologia da informação articulam-se como elementos fundamentais de uma economia do conhecimento”. (KOBASHI & TÁLAMO, 2003, p. 67)

Genro Filho (1987) preocupa-se em descrever a notícia ao caracterizar o *lead* como sua estrutura básica e em propor uma Teoria da Notícia ao fundamentar que a notícia caminha do singular para o particular. Neste caso, ele acredita que o triângulo equilátero fornece o modelo da estrutura epistemológica da menor unidade de informação jornalística: a notícia diária. A igualdade dos três ângulos desse triângulo indicaria um equilíbrio entre singularidade, particularidade e a universalidade. Independente da ideologia existe um grau mínimo de conhecimento objetivo que é proporcionado por esse equilíbrio e que faz com que o Jornalismo se efetive como forma de conhecimento.

Nesse campo, o conhecer se expressa através da condição de interpretar os dados como fenômenos, estes se articulam com o repertório cognitivo pré-existente, associando-se a acúmulos de novas significações. Essa modificação no estado do saber também está inserida em extremidades complexas.

Sendo a comunicação jornalística dotada de elementos informacionais e a notícia um produto do meio, sua produção condicionada à gestão da informação possibilita moldar os dados para, então, disseminar. Nesse horizonte, é possível defender a possibilidade de criação

do conhecimento a partir da divulgação de acontecimentos. Essa lógica pode ser compreendida a partir do conceito de Zins (2007, p. 12):

Conhecimento é o produto final do processamento de informação. Em muito o mesmo caminho como dados brutos são usados como entrada, e processados como propósito de tornarem-se informação, essa mesma informação é usada como entrada para um processo que resulta em conhecimento.

Uma leitura mais atenta aos estudos que compõem a disciplina denominada de “Gestão do Conhecimento” mostra o jornalismo como uma ferramenta em potencial que possibilita a conversão do conhecimento tácito em explícito à medida que divulga as notícias e estas provocam o senso crítico do sujeito. Essa condição advém do ciclo informacional denominado de “Espiral do Conhecimento” de Nonaka e Takeushi (1997, p. 80), segundo o qual “o conteúdo do conhecimento criado por cada modo de conversão do conhecimento é naturalmente diferente. A socialização gera o que pode ser chamado de ‘conhecimento compartilhado’, como modelos mentais ou habilidades técnicas compartilhadas”.

A comunicação jornalística está condicionada a favorecer ao usuário meios para equacionar problemas informacionais. Os profissionais da área teriam como objetivo claro o esforço para converter as necessidades dos usuários em resultados práticos através das diversas formas de conhecimento.

2.2 Jornalismo e informatividade: interfaces na comunicação da notícia

Para reconhecer as interfaces cognitivas de busca e uso da informação é preciso refletir sobre o alinhamento de ideias que convergem para a possibilidade de tratar a informação a partir dos processos que envolvem o comportamento humano e suas dimensões cognitiva, emocional e situacional. Essas três dimensões se referem a acontecimentos variáveis e transitórios que alcançam dois estágios distintos, conforme elucida Hessen (1999, p. 98, grifo do autor):

A consciência cognoscente serve-se das mais diversas operações mentais. Sempre se trata de um conhecimento mediato, *discursivo*. Essa expressão é especialmente pertinente, pois a consciência que conhece move-se, de fato, para lá e para cá. Pergunta-se agora, além do conhecimento mediato, há um imediato; se além do discursivo, há um intuitivo.

Nesse domínio, pode-se questionar sobre a possibilidade de transferência de informação para geração do conhecimento, considerando a informação enquanto processo e critérios de informatividade para construção de sentido. Conforme Barreto (2002, p. 10), “a

transferência tem uma conotação de passagem, deslocamento a transmutação se coloca como formação de nova espécie por meio de mutações, como uma reconstrução de estruturas significantes". De fato, como argumenta Barreto (1994, p.8), o discurso da informação "independente do seu investimento tecnológico, utiliza um código comum, a linguagem, e um canal de comunicação adequado e, apesar de seu poder de convencimento e de sua promessa de verdade, o discurso somente particulariza a informação".

Para Hessen (1999), essa condição é o que se exprime na arte de um artista que busca transpor para a lógica visual aquilo que está emprenhado na sua subjetividade; é a representação quantificável do conhecimento.

O verdadeiro artista não produz sua obra com o intelecto, mas a partir da totalidade das forças espirituais. A essa diferença nas funções subjetivas acresce uma distinção no aspecto objetivo. O verdadeiro artista não está, como o filósofo, diretamente voltado à totalidade do ser. Seu espírito dirige-se, antes de mais nada, a um ser e a um acontecer concretos. À medida que os representa, eleva este ser a este acontecer concretos ao nível do mundo da aparência, do irreal. (HESSEN, 1999, p. 11).

Nessa perspectiva, Hessen (1999, p. 97) defende que "conhecer significa apreender espiritualmente um objeto. Essa apreensão, via de regra, não é um ato simples, mas consiste numa multiplicidade de atos. A consciência cognoscente deve, por assim dizer, rondar seu objeto a outros, de realmente apreendê-lo".

No que se refere à produção da informação no campo da comunicação jornalística, têm-se na presença do *gatekeeping*, ou seja, o processo pelo qual as informações passam por uma série de decisões, filtros (*gates*) até chegarem ao destinatário ou consumidor final da informação, uma importante contribuição para entender o termo informação, uma vez que o processo de recuperação do estoque gerado pelos *gates* se constitui em matéria-prima essencial ao conhecimento. Nesses processos estão inseridos de um lado o profissional, que faz uso da informação para então produzir a notícia, e, do outro lado, o consumidor, que seleciona o conteúdo que tem interesse em fazer uso.

Considera-se, portanto, que os usuários da informação jornalística estariam amparados nesse conceito de obtenção de informação não como fator de tomada de decisão, apenas, mas, sobretudo, ampliando a condição de sujeito que apreende dados, atribuindo-lhes relevância e sentido. Os receptores estariam, então, numa condição ativa no processo de obtenção das informações, alterando assim o seu estado de conhecimento.

Prusak (2001, p. 102) afirma que o "conhecimento não pode ser digitalizado, codificado ou facilmente distribuído". Portanto, os cálculos do conhecimento, por assim dizer, não se limitam a teoria de códigos, a uma simplicidade de ordenação numérica que

estabelecem significações. O desafio é encontrar a lógica da significação, em meio a dados quantificáveis, por vezes, desordenados, desestruturados e múltiplos. Em um estágio superior a este pensamento, pode-se considerar que significar ou conhecer está inserido em um contexto além da interpretação dos códigos informacionais, bem como a caracterização do “saber” como esfera distinta e singular à significação ou ao conhecimento.

A notícia estaria incluída nesse entremeio enquanto estrutura de informatividade que compõe o campo jornalístico, que, em seu cerne, se encontra a promoção do conhecimento para a sociedade. Segundo Barreto (2002, p. 55), “em uma das extremidades há a criação da informação e na outra assimilação da informação pelo receptor, algo que vai além, transcende o conceito de uso da informação”.

Genro Filho (1987, p. 5) diz que as informações que circulam entre os indivíduos na comunicação cotidiana apresentam, normalmente, uma cristalização que oscila entre singularidade e particularidade. A singularidade se manifesta na atmosfera cultural de uma “immediaticidade compartilhada, uma experiência vivida de modo mais ou menos direto”. A particularidade se propõe no contexto de uma atmosfera subjetiva mais abstrata no interior da cultura, a partir de pressupostos universais geralmente implícitos, mas de qualquer modo naturalmente constituídos na atividade social.

É inadequado, então, analisar o fenômeno da informação em posição isolada ao conhecimento. Os dois campos são interdependentes, porém, é oportuno refletir as condições de produção da informação e do conhecimento. Contudo, sendo a ação de obter informação um condicionante do processo de conhecer, é salutar investigar a posição em que cada um acontece e se insere no repertório cognitivo.

Tal perspectiva aponta para a informatividade do fato como condicionante para produção da notícia. Nesse sentido, o termo é valorativo para desencadear os acontecimentos relevantes a ser comunicado por intermédio da mídia. Para Sodré (1996), a realidade social dos indivíduos do mundo contemporâneo é construída por fatos noticiosos, ou seja, de acontecimentos jornalisticamente interpretados e, portanto, “transvalorizados” por um sistema logotécnico. “A notícia converte-se, assim, numa tecnologia, não simplesmente cognitiva, mas produtora de realidade - que aspira uma visibilidade plena, em consonância com as tecnologias, sugerindo a identificação absoluta entre ver e crer”. (SODRÉ, 1996, p. 133).

Outro teórico do campo da Comunicação defende a abrangência social da informação, apontando o fenômeno como prioritário na construção da notícia que promove mudança social.

O conceito de notícia – em que pese o uso amplo da palavra news (notícia) em inglês – pode ser, assim, substituído pela expressão informação jornalística. Essa expressão [...] não é apenas uma estruturação de dados convenientemente tratados, como na informática ou na inteligência militar, que opõe informação (relato consistente, envolvendo análise) a informe (relato episódico). É mais do que isso: é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo comprehensível e abrangente. Difere da notícia porque esta, sendo comumente rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos, pressupõe apresentação bem mais sintética e fragmentária (LAGE, 2005, p. 112-113).

O entendimento conceitual aponta a notícia como esfera informativa, sendo o seu efeito passível de promover mudança social a partir de sua divulgação ou comunicação das informações. Assim sendo, aproxima-se da proposta de informação como objeto de estudo da Ciência da Informação, que é uma condicionante do conhecimento, a partir da apropriação do sujeito. É nesse caminho que Matellart (2006) contribui com sua base teórica, considerando o local e o regional uma espécie de máquina comercial a partir da demanda produtiva da informação versus conhecimento.

A transferência analógica torna-se a regra. No campo das teorias sobre o desenvolvimento urbano, por exemplo, a cidade como estrutura “publicitária” e “autopublicitária” como rede de comunicações, torna-se uma espécie de máquina que emite mensagens sem cessar. (MATELLART, 2006, p. 66, grifo do autor).

Sendo a notícia dotada de uma carga de informatividade, cabe investigar os processos que fundamentam sua construção como produto informativo. Nesse sentido, o ciclo que compõe o processo de comunicar a notícia pode ser considerado um modo de produzir informação, que se dá no complexo constitutivo do uso, da produção e da comunicação da informação. Tais processos estão inseridos em um complexo regime, próprios dos sistemas de comunicação, que norteia a produção do conteúdo através de um *modus operandi* e determina sua distribuição mediante um *modus significandi*.

Esses “fluxos de dados transfronteiras” são exemplos da internacionalização do mercado da informação. Seu controle suscita delicados problemas econômicos, jurídicos e políticos. Permitem igualmente compreender o interesse crescente pelo “conhecimento conforme demanda” (*Just in time knowledge*) e sua prática, monitoramento de informações. (LE COADIC, 2004, p. 9, grifo do autor).

A cadeia produtiva da comunicação informacional promovida pelas práticas jornalísticas advém de um nicho cíclico que se movimenta entre produtor (jornalista) e receptor (usuário). O domínio expressivo da informação parece estar transitando no espaço entre os dois polos: a intenção do sujeito que produz e a compreensão do sujeito que recebe. E deve ser no interior dessas duas forças onde acontece a supressão do saber sugerida por

Foucault (2012, p. 50), quando considera os discursos “práticas descontínuas que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”.

3 CONDIÇÕES DA INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DA NOTÍCIA: AS FORÇAS QUE GOVERNAM OS FLUXOS EM UNIDADES JORNALÍSTICAS

No setor produtivo da informação jornalística, considerado na pesquisa como o núcleo de apuração e veiculação da notícia (redação), as condições de produção informacional ocorrem ininterruptamente. Os dados, tidos como matéria prima da atividade, circulam num volume intenso, trafegando por diversos canais e fontes, que sem estes não seria possível produzir conteúdo informativo para distribuir à sociedade como elemento formador de opinião e conhecimento.

Esse tráfego numeroso incide em receber, interpretar, investigar e disseminar as informações, obrigatoriamente nessa ordem. Todo esse composto está alinhado ao processo de produção da notícia. Logo, para divulgar informações (etapa final do processo), requer atenção do profissional jornalista que deve ser capaz de produzir conteúdo a partir da recepção de dados advindos de fontes diversas, que é o desafio latente, e de processar os dados recebidos, interpretá-los (etapa de apuração) de maneira a não interferir na confiabilidade do fato.

Tais atos supõem a organização prévia da informação em categorias de relevância e que estejam aptas a circular nas várias esferas da sociedade. Sobrevém desse fluxo a contribuição para o conhecimento da sociedade através da veiculação de notícias, que são elementos constitutivos de informação que é considerada por Le Coadic (2004) um significado transmitido para a construção de sentidos.

A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. [...] o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura. O exemplo mais banal é a informação, a notícia veiculada por um jornal, pelo rádio ou pela televisão (LE COADIC, 2004, p. 5).

Os canais informativos, através das plataformas de interação digital, possibilitam a aglomeração e a disseminação de conteúdos múltiplos, carregados de configurações diversas, embora, muitas vezes, sem alinhamento com o perfil do leitor-usuário. Nesse processo, o fazer-querer é mediado por modelos de vontade, conforme Baudrillard (2003, p. 53, grifo do autor):

A comunicação não é o falar, é o fazer-falar. A informação não é o saber, é o fazer-saber. O verbo “fazer” indica que se trata de uma operação, não de uma ação. Na publicidade, na propaganda, trata-se não de crer, mas de fazer-crer. A participação não é uma forma social ativa nem espontânea; é sempre induzida por uma espécie de

maquinaria ou de maquinação, é um fazer-agir, como a animação e outras coisas semelhantes.

A demanda informacional se projeta numa dimensão de conexões constantes e os veículos de comunicação social são propulsores desse processo, uma vez que a produção de notícias jornalísticas compõe atributos de uso e disseminação da informação e os movimentos de “querer” e “fazer” são inerentes a essas condições. Essa dinâmica está inserida em um fluxo representativo de produção de bem imaterial e simbólico, condições da informação e do conhecimento.

Para Kobashi e Tálamo (2003), essa condição comprehende interconexões entre conteúdo registrado e a forma da informação como produto informacional direcionado a segmentos de usuários. Nessa seara, as autoras defendem a troca de informação entre fontes e usuários como “a relação entre o capital cultural dos segmentos populacionais e a forma simbólica de estoque informacional e, no uso a relação entre informação disponível socialmente e o conhecimento subjetivo dos segmentos sociais” (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 20). Tais condições estão dentro de um cabedal ideológico e cultural que dominam as forças de decisão, escolhas e direcionamento político-social.

É importante destacar, ainda, duas forças que atuam nesse campo ideológico, a saber: a ética e a política. Estas estão colocadas em um horizonte comum de reflexão sobre a abrangência dos dispositivos regulatórios da informação no processo de produção e disseminação de conteúdo jornalístico como estrutura informacional. Nessa dimensão, deve atuar os partícipes sociais do campo do conhecimento em informação, de maneira a promover os fluxos informacionais nos diferentes planos de ação, porém, sem abandonar os alicerces que regem a ética. Nesse campo, Dupas (2001) apresenta uma proposta para uma nova teoria da responsabilidade denominada de “Macroética”. Referência a um movimento de aperfeiçoamento da moralidade partindo do indivíduo para o meio social. É a ideia de que o homem é responsável individualmente pelas decisões éticas e estas refletem na sociedade.

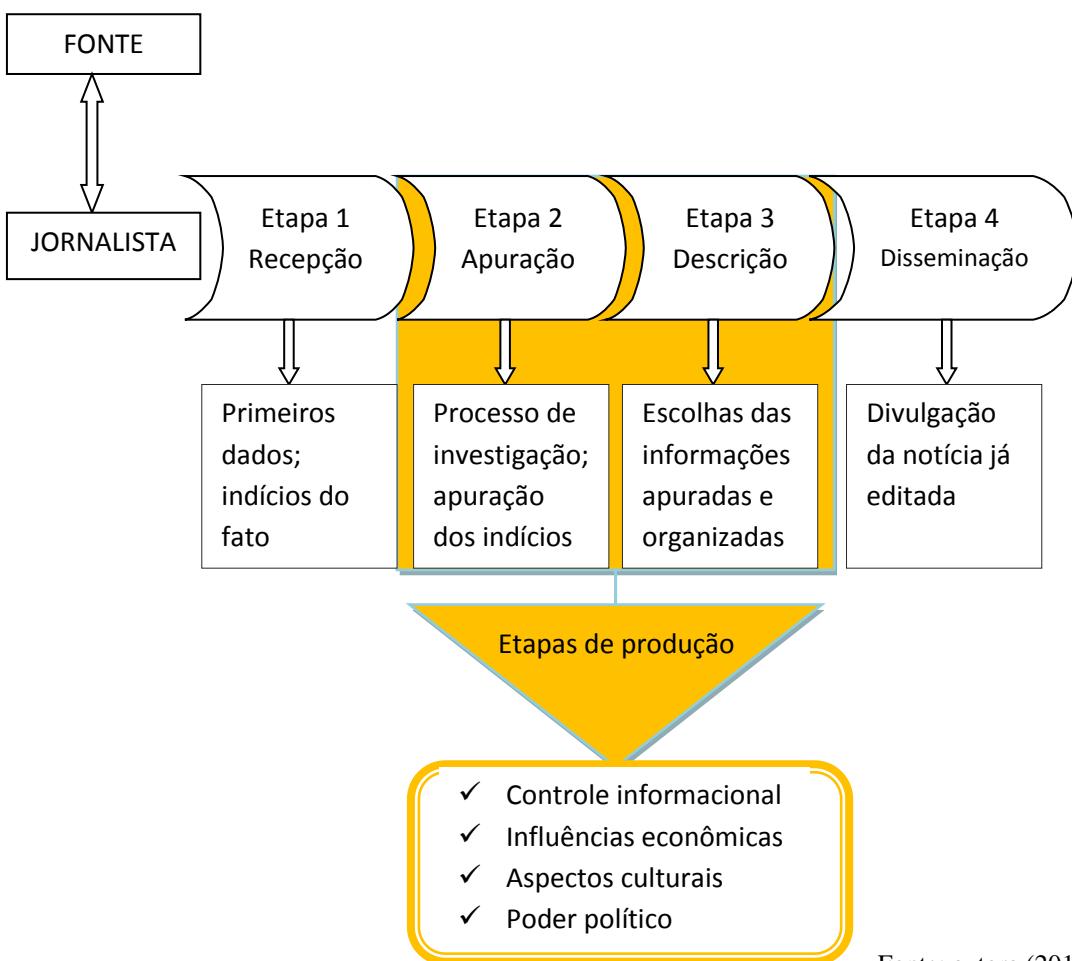
3.1 Processos e produto informacional: a notícia como mercadoria

É preciso considerar que a dimensão estrutural da produção da informação em unidades jornalística está preocupada em atender à audiência, esta formada pelo receptor da gama massiva dos dados comunicados. No entanto, há encaminhamentos que direcionam o fluxo informacional dentro de condições de força e poder exercido pelas organizações institucionalizadas.

Para compreender os regimes de informação determinados pelos veículos de comunicação, é necessário considerar o imbricado de valores que envolvem a produção, o uso e a comunicação da notícia jornalística. As relações de poder, estabelecidas para valorar a informação demandam carga de tensão entre configurações socioculturais, interações técnico-instrumentais e econômico-mercadológicas. Essas articulações dão novas configurações ao valor da informação a partir do domínio e imposição das forças governamentais e institucionais que dominam as normas, os padrões e os códigos de acessos e uso da informação produzida. Tal controle se dá a partir de correntes político-ideológicas arraigadas na cultura organizacional. Ocorre que, conforme Foucault (2013, p. 224), “o papel da ideologia não diminui à medida que cresce o rigor e que se dissipa a falsidade”.

Em um panorama ilustrativo, é possível observar a produção da notícia carregada de intenções e interesses, onde os encaminhamentos e seus fluxos afunilam até o produto final que é a notícia divulgada.

FIGURA 1 - Fluxo da Informação na Produção de Notícia Jornalística



Fonte: autora (2014).

As condições de produção da informação jornalística, portanto, estão atreladas a interesses que atendem a demandas econômicas, políticas e sociais, muitas vezes, dentro de critérios individualizados, interferindo pontualmente na possibilidade de imparcialidade no tratamento das informações durante o processo de produção da informação jornalística, conforme a Figura 1 acima. Traquina (2001, p. 96), ao falar da teoria etno-construcionista, entende que “as notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto”.

As diretrizes editoriais, em certa medida, obedecem a um regime de informação, que segundo González de Gómez (2012), trata-se de um modelo de organização institucional onde se define os atores sociais e econômicos detentores do controle informacional.

Regime de Informação seria o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância. Como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 43).

O conceito assinalado pela autora remete a elementos condicionantes que ordenam a comunicação da informação a partir de manifestações que atuam nos campos econômicos, ideológicos e político. A lógica social para produção, uso e comunicação da informação obedece, necessariamente, a esta forma de poder, de domínio das formas específicas do saber.

Pensando o ambiente jornalístico como uma unidade de produzir e comunicar notícias, é proppositivo considerar a difusão da informação através de uma rede de infraestrutura com capacidade para suportar as diversas formas de representação da informação.

As fontes subsidiárias para a produção da notícia, que distribuem dados aleatórios captados pelos profissionais jornalistas, em sua maioria, vêm através dessas redes digitais, por dispositivos móveis com suporte da Internet. Todos esses canais estão inseridos numa espécie de teia indivisível de poder, pois quem informa está interessado em promover um resultado, posição semelhante ao sujeito que obtém a informação. Talvez, o sujeito que informa, em certa medida, assuma uma condição de resistência, frente à concepção moderna reservada ao Estado, a de exclusividade e institucionalidade do uso da força.

Foucault (2012) recorre aos modelos de supressão do saber pelas forças dominantes que comunicam, disseminam informações e materializam os discursos.

Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso. [...] é preciso, creio, optar por três decisões às quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante. (FOUCAULT, 2012, p. 47).

Em seu processo de produção jornalística, as informações são modeladas, submetidas a uma série linear de operações lógicas, focadas na obtenção de resultados numéricos quanto ao grau de audiência. É a comunicação do que é dito que torna a informação dotada de poderes que emancipa ou aliena a massa. Neste sentido, se aplica ao conjunto de pessoas que recebem essas informações. Esse panorama reforça a inserção dos processos de produção da notícia em um regime de informação. Portanto, estariam às forças midiáticas na supressão e dominação da informação na sociedade.

Não é banal, de fato, a força estrutural e estruturante dos dispositivos contemporâneos de comunicação e informação - dos mediáticos aos pós-mediáticos - sobre nossas possibilidades de realização pessoal e coletiva, em situação de compartilhar ações e significados em intersubjetividades ancoradas em tempos e espaços específicos. [...] essa dimensão estrutural, que produz um *ex ante* a toda ação de transferência de informação, independente de nossos desejos e competências singulares. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003. p. 61).

A força da mídia, enquanto sistema de transferência de informação, está condicionada a produzir estruturas significantes a partir de suas diretrizes econômicas, políticas e institucionais. Então, o *modus operandi* da produção de notícia jornalística compreende a observância desses critérios, logo a sociedade é dependente dessas condições sem qualquer domínio sobre as forças que governam o fluxo informacional circulante nas esferas institucionais que disseminam as notícias, por assim considerar, é oportuno refletir na possibilidade da notícia ser embutida de aspectos econômicos que lhe conferem a posição de mercadoria midiática.

4 FONTES DE INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA: CONFIABILIDADE DA NOTÍCIA NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS

Considerando a informação um processo cultural, é oportuno refletir a sua relevância como disciplina no ensino básico. Essa proposta é levantada por Le Coadic (2004, p. 114), ao destacar que: “Se para dominar a informação, é preciso saber se informar e saber informar, um programa de ensino levará, portanto, a aprender a se informar e aprender a informar, ou seja, aprender a pesquisar e usar a informação e a construí-la e comunicá-la”.

A comunicação social tem esse papel de formador de opinião, de propagador do conhecimento através das informações que busca e dissemina. No entanto, é oportuno discutir a qualidade das informações que são propagadas para a sociedade, em grande volume, para públicos heterogêneos, por meio de diversas fontes de informação.

Preliminarmente, é importante considerar, a partir de Arruda (2002, p. 99), que “fontes de informação designam todos os tipos de meios (suportes) que contêm informações suscetíveis de serem comunicadas”. Estando as fontes em caráter geral ligadas a uma necessidade informacional, Campello (1998, p.14) comprehende-as também como:

Os contatos pessoais, representados pelos relacionamentos entre vizinhos, amigos e parentes. [...] já que a lei do menor esforço funciona especialmente neste caso, isto é, as pessoas sempre preferem fontes de informação que estejam facilmente disponíveis e que sejam simples de serem utilizadas, características típicas da comunicação oral.

As redes sociais formadas a partir de uma estrutura digital simulam essas singularidades pertencentes ao campo físico de interação entre pessoas e processos. Um dos dispositivos que tem sido utilizado na circulação de dados, fontes e informações é o aplicativo *what's app*. Observa-se uma adesão quase unânime desse recurso digital de maneira a facilitar o tráfego de dados que são coletados e posteriormente repassados entre usuários da rede. Assim, as informações que circulam tornam-se persistentes, capazes de ser buscadas e organizadas, direcionadas a audiências personalizadas e facilmente replicáveis. A essas características soma-se o fato de a circulação de informações serem também uma circulação de valor social, que gera impactos na rede. Assim, os relacionamentos são firmados e estabelecidos em uma relação de troca-parceria.

O capital social é definido como o valor que circula dentro de uma rede social por muitos autores, tais como Bourdieu (1983), Coleman (1990), Putnam (2000) e Lin (2001). Bourdieu (1983, p.248-249) define como aqueles recursos que estão relacionados com a associação a uma “rede mais ou menos durável de relações institucionalizadas de

conhecimento e reconhecimento mútuo”. O capital social tem, portanto, uma forte conexão com o grupo que o produz e está relacionado com o pertencimento ao mesmo ou a uma rede social.

González de Gómez (1997, p. 35) defende a necessidade de situar processos e acontecimentos da sociedade globalizada, levando em consideração “os meios culturais, organizacionais, produtivos e políticos, promovendo um plano de integração apreciando a complexidade dos nós (*links*) que entrelaçam o local e os mundos externos”. Essa conjectura reflete a natureza objetiva das bases para formação de redes de relacionamentos que fortalecem as fontes subsidiárias da informação jornalística.

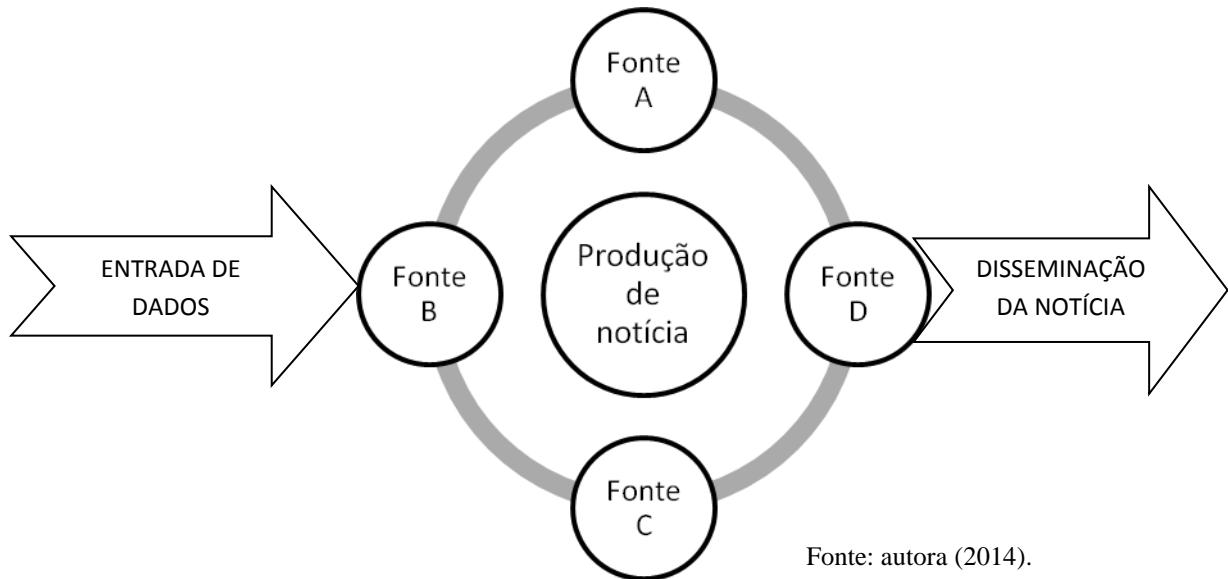
A disseminação da informação através da mídia, sobretudo nas redes digitais, segue uma escala de volume numerosa. Essa taxa de dados que circula velozmente é retroalimentada num movimento que transita entre fontes e redes. As fontes, seja formal ou informal, têm suas origens nos mais diversos segmentos da sociedade e interagem com o profissional jornalista através de suportes digitais ou analógicos, sempre com objetivo de subsidiar o produtor da informação com dados e fatos considerados relevantes.

Nas empresas de comunicação social, as fontes estão inseridas em redes que exercem uma função essencial nos processos de gestão da informação, desde a sua aquisição, organização, disseminação até à obtenção da informação pelo usuário. Essas redes quase sempre são compostas de indivíduos com interesse na veiculação dos fatos ou meramente colaboradores no processo de informar ao jornalista para este produzir a notícia.

Os sujeitos que compõem essas redes variam suas funções entre produtor, articulador, editor e fonte. Há, portanto, papéis difusos nessas conexões, pois, de um lado está o jornalista, que produz a informação, mas também é usuário quando assume o papel de produtor à medida que capta as informações e dissemina nas redes sociais. Na outra ponta, está o usuário-receptor, que, muitas vezes, assume também o papel de produtor quando, através de suas experiências ou situações vivenciadas, retroalimenta o ciclo, conforme a ilustra a Figura 2 abaixo.

No século XXI, o fenômeno das TIC facilitou a formação de redes capazes de fomentar e distribuir informações em escala potencial que requer análises muito além de óticas positivistas. Essa nova demanda condicionou os veículos de comunicação a ampliar as possibilidades de produzir conteúdo jornalístico, no entanto, em decorrência do tráfego de dados circulante nas redes digitais, a qualidade e a veracidade da notícia veiculada são colocadas sob suspeita. Ocorre que as fontes nem sempre são confiáveis, sobretudo, pelo fato de estas redes estarem vinculadas a uma representação de poder político-social.

FIGURA 2: Rede de Informação na Produção da Notícia Jornalística



A demanda por dados, fatos e ocorrências que desencadeiam em notícias ganhou dimensão digital a partir da utilização de redes sociais que fazem a interseção entre usuários da informação, através de dispositivos móveis e aplicativos conectados à Internet. Para Recuero (2009, p. 25), “redes sociais na Internet possuem elementos característicos, que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas. Esses elementos, no entanto, não são imediatamente discerníveis”.

Para formar uma teia social com interconexões onde transitam informações, é imprescindível a participação de sujeitos capazes de oferecer demanda a esta rede, pois, conforme Recuero (2009, p. 26), “os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

Nessa conexão, de um lado está o profissional que recebe, manipula e dissemina a notícia; do outro, o leitor, telespectador ou ouvinte, que também distribui informação e recebe a notícia lapidada. Há nesse processo outro ponto de intercessão, a assimilação do conteúdo pelo receptor. Esse talvez seja o momento em que efetivamente aconteça a construção da informação enquanto estrutura significante. A relação de troca de informação entre fontes, redes e jornalista está dentro de um ciclo que se movimenta em direção à produção de informação em grande escala. É exatamente esse o ponto crucial da reflexão quanto à procedência das fontes e a veracidade dos fatos circulantes na rede de composição da

informatividade. Como se formam essas redes? E qual a origem das fontes interconectadas que recebem e retroalimentam o estoque informativo?

Antes de compreender a movimentação das redes informacionais atuantes no campo jornalístico para produção de notícia, é preciso conhecer as variáveis conceituais que designam os diversos tipos de fontes. Em tempo, Reis (2005, p. 17) considera que “no processo de aprendizagem, a busca, o acesso e o uso de fontes de informação facilitam a solução de problemas informacionais e colaboram na geração e inovação do conhecimento”. Esse talvez seja o preceito mais próximo da prática do jornalismo na produção de notícia, pois, os profissionais envolvidos na captação de dados, posteriormente lapidados para dar forma à notícia, podem resolver seus problemas de informação na medida em que estabelecem a conexão com uma rede de informação capaz de subsidiar novos contextos para o entrelaçamento dos dados com intuito de informar à sociedade dos acontecimentos.

Essa intencionalidade de troca de informações não é livre de interesses individuais. Há critérios de seleção das informações que antecede a disseminação. Esse jogo está dentro de uma relação social entre grupos a considerar a relevância daquilo que está sendo comunicado. Para Capurro (2003, p. 5), toda troca informativa há conectividade com a pré-compreensão, pois:

Informação não é algo que comunicam duas cápsulas cognitivas com base em um sistema tecnológico, visto que todo sistema de informação está destinado a sustentar a produção, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso de conhecimentos e deveria ser concebido no marco de um grupo social concreto e para áreas determinadas. Só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido e compartilhado com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo.

A produção de notícias, então, depende da relação entre sujeitos que produzem e recebem informação. Nesse sentido, as unidades jornalísticas ofertam as informações, sendo inclusive passível de manipulação. Por sua vez, o usuário aciona cognitivamente seus critérios de seleção que definem o que é ou não relevante ser assimilado, embora, tal seleção seja condicionada por diversas estruturas materiais que dão forma ao contexto, a citar as esferas políticas, econômicas, ideológicas e sociais. Assim, consideramos que as unidades jornalísticas realizam uma “pré-seleção” do que pode e deve ser ofertado como estruturadas de informação em forma de notícia, calçada na relação com suas fontes.

No contexto contemporâneo, onde pessoas e processos estão interconectados através de suportes digitais, não afasta a possibilidade de dominação da informação por um gestor

informacional, por um sujeito que, em certa medida, controla o fluxo, impõe limites e regras, excluindo e incluindo novos sujeitos dentro de uma lógica político-econômica.

Há um controle através de conectivos de aceitação ou rejeição, conforme as condições de inserção de informações. Considerando o aplicativo *What's app*, por exemplo, como exemplo de uma plataforma capaz de transferir dados, que posteriormente alimentam uma cadeia de informação através de suas redes conectadas a pessoas com interesses comuns, é propositivo refletir suas possibilidades de gerar conhecimento. É inegável a contribuição para a gestão da informação, pois se torna possível o armazenamento de signos e dados que facilmente podem ser armazenados e recuperados.

No caso citado do aplicativo *What's app*, por exemplo, há a possibilidade de criar grupo de pessoas que interagem entre si produzindo e disseminando informações. Para criação desse grupo, é preciso a figura de um administrador que admite ou recusa pessoas e processos dentro da rede. Portanto, a concepção e o desenvolvimento das redes dependem de um suporte, uma linha que faça acontecer o entrelaçamento de fontes, dados e notícias. Aplicativos e redes sociais tomaram posse do espaço digital como suporte para alinhavar essas conexões e *links* que perpassam as esferas da informação e do conhecimento.

5 NOTICIABILIDADE E INFORMATIVIDADE: DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO À CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA

As teorias que dão conta de estudos jornalísticos tem se preocupado em questionamentos focados nas condições de noticiabilidade. Como aponta Traquina (2001), é preciso saber: “Por que as notícias são como são?”. A indagação é necessária, pois, a produção de notícia envolve diversos processos que classificam a informação em níveis de relevância e suas etapas requer entendimento. É preciso levar em consideração os contextos que envolvem a produção de notícia, em que ambientes ela perpassa, quem é o profissional que a produz e, principalmente, a matéria prima de sua existência.

Em regra, as notícias são consideradas elementos que representam a narrativa do cotidiano e, por envolver aspectos midiáticos através da sua divulgação como produtos jornalísticos alcançam dimensões e “roupagens” de acordo com o regime de informatividade que passa a envolvê-la dentro de uma série de forças, sejam ações pessoais, ideológicas ou culturais. Portanto, há uma seleção do que é informativo e essa condição acontece dentro de domínios internos (institucionalizados) ou externos (ação de seleção do receptor).

Há inúmeras definições para o conceito de notícia, mas o que não se pode negar é o fato de ser um componente do jornalismo e a este cabe informar. Portanto, é apontada a idéia de que a informatividade é algo que antecede o conteúdo jornalístico, apesar de ser dele também resultante. Nesse horizonte, é adequado considerar que a relevância da informação disseminada, que ocorre com a divulgação da notícia, interfere no processo cognitivo do indivíduo na condição de receptor da informação. Essa possibilidade de ação acontece a partir da interação do sujeito com o meio informativo.

É a dimensão subjetiva da singularidade que diferencia o jornalismo da arte. [...] Mas é também a margem colocada ao sujeito para atribuir sentido à atividade social e, portanto, para atribuir significado aos fenômenos objetivos que situa o jornalismo na contextura referida anteriormente, isto é, frente àquela duplidade objetiva-subjetiva dos fatos que ele trabalha. (GENRO FILHO, 1987, p. 66).

É possível, então, afirmar que a notícia aproxima-se do conceito de informação a partir da possibilidade de criar conhecimento, pois a sociedade passa a conhecer o seu próprio cotidiano a partir da disseminação da realidade em forma de notícia. Nesse domínio, é preciso compreender que informação e conhecimento mantêm uma relação de dependência e que esses dois fenômenos acontecem e são criados a partir de uma dinâmica social. Conforme argumentação de Nonaka e Takeushi (1997, p. 64), “As pessoas que interagem em um determinado contexto histórico e social compartilham informações a partir das quais constroem conhecimento social como uma realidade, o que por sua vez influencia seu julgamento, comportamento e suas atitudes”.

No campo da Comunicação Social, sobretudo, nas práticas de produção da notícia jornalística, essa relação entre informação e conhecimento acontece metaforicamente como uma grande engrenagem. É *in loco*, isto é, na redação onde se processa, armazena, produz e dissemina informação. Essa atividade tem ampla razão de ser considerada um nicho de informação e poder, uma vez que é nesse ambiente de criação e propagação do conhecimento que processos, pessoas e acontecimentos convergem simultaneamente. Se a notícia está dotada de poder e relevância, a informação nela contida pode ser uma forma de conhecimento. Toda essa engrenagem se movimenta a partir da proliferação dos discursos e sua construção se dá tanto no interior das empresas de comunicação, a partir de suas diretrizes, quanto na propagação por seus receptores, no caso de interesse da pesquisa, através dos telespectadores que consomem o produto informativo divulgado nos telejornais.

Nesse horizonte, portanto, a disseminação da notícia por meio dos veículos de comunicação possibilita a alteração do estado de conhecimento do sujeito a respeito de algum fato. A movimentação ou o deslocamento das estruturas significantes da informação se dá através do contato e da interação com outras fontes de informação. Segundo Buckland (1991, p. 355), “em sentido significativo informações serão usadas como prova em aprendizagem - como a base para o entendimento. O conhecimento e as opiniões são afetados pelo que se vê, lê, ouve e presencia”.

Não se pode negar que conhecimento, informação e tecnologia da informação articulam-se como elementos fundamentais de uma economia do conhecimento. Se o valor da informação consiste em gerar conhecimento, então, o acúmulo de informação possibilitaria o sujeito dispor de mais conhecimento. Mediante o debate, é proposital refletir a dicotomia existente entre a sobrecarga de dados informativos e a propagação do conhecimento. Há um distanciamento entre esses dois campos no sentido de pensar em existir uma correlação entre massa informativa e apropriação intelectual ou meramente apreensão cognitiva das informações geradas e propagadas, sobretudo através das notícias jornalísticas.

Nesse entremeio, Matellart (2006) ressalta a “diluição” dos sentidos e da ação humana frente a este universo de signos e de semântica apresentado pelo aparato tecnológico.

Não é apenas o senso crítico que está em falta, mas mais simplesmente a curiosidade intelectual. A falta de uma propedêutica da apropriação das tecnologias digitais anda lado a lado com a fascinação pelo objeto técnico e a carência de uma reflexão sobre a história da utopia pedagógica que não esperou as novas tecnologias de comunicação interativas e de multimídia. Ao neodarwinismo informational convém opor uma concepção dos novos dispositivos técnicos trabalhados pelas forças criadoras das ciências, das artes e das inovações sociais. Refletir sobre os múltiplos entrecruzamentos das mediações sociais, culturais e educativas pelos quais se

constroem os usos do mundo digital e que estão na própria origem da vida democrática (MATELLART, 2006, p. 174).

É inegável a contribuição da tecnologia como facilitadora do acesso à informação e de seu respectivo uso. No entanto, é preciso refletir a sua condição social de propagar dados de maneira a contribuir para criação do conhecimento. Porém, seria simplesmente as possibilidades de acesso, busca, produção e compartilhamento da informação elemento propositivo para evolução científica e desenvolvimento social?

A possibilidade de uma resposta não parece ser simplista, principalmente, porque, no fluxo informacional, a relação entre tempo, espaço e processo de cognição é tênue, pois, a sobrecarga informativa é intensa tanto quanto seu grau de obsolescência. A comunicação jornalística contribui massivamente para o processo de acúmulo de notícias no estoque informacional da sociedade contemporânea. Nesse contexto, considera-se, conforme Kobashi e Tálamo (2003, p. 22), que “a informação não se apresenta mais como uma questão individual, é um problema social”.

Atualmente o conhecimento apóia, em certa medida, na confiança que se pode atribuir aos processos de manipulação de dados por meios tecnológicos. É o que preceituam Kobashi e Tálamo (2003, p. 24), ao destacar que, “em nível abstrato a informação é um objeto cuja forma relacional tem duas faces, social e subjetiva que se complementam”.

Na perspectiva de Barreto (2002, p. 68), “a geração de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do indivíduo realizado por meio de suas competências cognitivas, ou seja, é uma modificação em seu estoque mental de saber acumulado, resultante de uma interação com uma forma de informação”.

As correntes teóricas e filosóficas que apresentam as possibilidades cognitivas da informação apontam para processos meramente subjetivos que culminam na decisão seletiva das informações. No campo jornalístico, a prática de seleção informacional depende de fatores externos à subjetividade, sendo a objetividade empresarial o farol para decisões de informatividade e noticiabilidade. As regras e os critérios dependem muito mais dos âmbitos econômicos e políticos, estes se tornam os pilares que sustentam a construção da notícia que, por sua vez, dão forma aos discursos e constroem os processos significativos da informação.

Essa abordagem remete a Foucault (2012), quando apresenta os rituais, as regras e as normas estabelecidas pelas instituições governantes como ferramentas eficientes que definem a posição que um indivíduo deve ocupar em determinado diálogo e, consequentemente, os enunciados que deve produzir e o comportamento adequado a adotar no âmbito social. Tais abordagens tornam-se evidentes quando analisamos os discursos midiáticos que proliferam

sob recortes modelados de interesses políticos e econômicos, duas áreas de controle que representam a institucionalização das regras citadas por Foucault (2012, p. 39): “Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”.

De acordo com Foucault (2012), os discursos na sociedade são controlados, selecionados e organizados. Uma das formas de manter esse controle é através das instituições, que instauram e/ou reproduzem os discursos. Essas instituições têm uma razão de ser: buscam dominar e conduzir os discursos, visando a instaurar uma verdade, sendo esta uma construção simbólica resultante da aplicabilidade de intenções.

5.1 Da cadeia produtiva da notícia: critérios de noticiabilidade

Se o dever dos profissionais do jornalismo é informar para a sociedade conhecer, é fundamental lançar luz às forças que governam os fluxos de informação, logo, há regras e controles inseridos nesse processo que dirigem a construção da notícia, sendo estes norteadores do conhecimento criado, este possuidor de atributos de força e poder. Trata-se de considerar o que González de Gómez (1997) denomina de “famílias de interesses” ao se referir à organização do conhecimento dentro das esferas institucionais.

Assim, Wolf (1999, p. 180) pode observar os canais por onde defluia o conjunto de procedimentos de um determinado tema e ressaltou a existência de zonas de funcionamento como janelas. “O conjunto das forças antes e depois da zona de filtro, é decididamente diferente de tal forma que a passagem ou bloqueio, da unidade através de todo o canal, depende, em grande medida, do que acontece na zona de filtro”. Isso não só acontece com canais de alimentação, mas também com a seqüência de uma informação dada através dos canais comunicativos.

Nessas intervenções político-sociais que envolvem a comunicação da notícia jornalística e seus aspectos de criadora do conhecimento, é preciso questionar o lugar de atuação dos sujeitos. Há dois pólos que se complementam e negociam entre si as demandas informacionais. Se o profissional de jornalismo é usuário da informação e, para produzir notícias, carece de suas fontes como ponto de partida, este sujeito está submetido às condições do meio externo que alimenta a rede de informação. No outro extremo, o sujeito que administra e gere os dados, que subsidia o contexto jornalístico, modela e finaliza o processo de produção de notícia. Os indivíduos que atuam nesse processo ocupam posições

dicotômicas, e, conforme Zins (2007, p. 26), a “informação pode ser vista de perspectivas múltiplas, cada uma delas pode ser mais ou menos ‘correta’”.

A inter-relação desses sujeitos está relacionada aos movimentos associativos e outras organizações de ativistas, estes que influenciam a circulação de dados que remetem ao apoio ou à contestação dos fatos. Assim, a produção e a orientação da informação agem em constância aos antagonistas da narrativa jornalística. São figuras intersubjetivas que assumem o processo de geração de conhecimentos que independem de suas posições enquanto sujeitos ativos do processo, seja o próprio jornalista, a instituição ou a fonte à que pertencem estas estruturadas no comprometimento dos valores daqueles que dirigem suas práticas.

O princípio setorial ou corporativo é aquele que estabelece como domínio de produção dos conhecimentos, de definição de seus objetos e de seus objetivos, dimensões significativas da vida e do ser social, junto à rede complexa de agentes, relações, atividades, meios e recursos que intervêm em sua realização: saúde, transporte, educação, meio ambiente, cadeias produtivas, entre outras. A geração, reunião, organização, utilização e reutilização de conhecimentos e de competências acompanham assim os interesses, objetivos e atividades do domínio que serão assumidos e colocados em ação, em cada caso, por um conjunto ao mesmo tempo heterogêneo e interligado de organizações públicas e privadas, com suas definições singularizadas de objetivos e metas corporativas. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1997, p. 73).

Não podemos observar os critérios de noticiabilidade somente pelo aspecto ideológico, social e político. O termo vai além e não se restringe aos limites conceituais nestes campos, pois, além do aspecto subjetivo, quando o sujeito que opera a informação decide o valor-notícia, há ainda o espaço disponibilizado nos canais de comunicação por onde deve ser divulgada a informação. Então, é preciso pensar sobre critérios de noticiabilidade considerando a constatação prática de que há limitação de tempo e espaço para publicação dos acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia. Convergente a essa situação está o grande volume de matéria prima, ou seja, de acontecimentos e informação. É preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir caráter público a partir de sua divulgação. Esses componentes fazem parte da ação pessoal do profissional durante o tratamento dos fatos dentro da redação. Ao se pensar tradicionalmente a seleção a partir de fatos que tenham valor como notícia, vinculou-se tais conceitos a uma única definição. A seleção, certamente, começa na etapa primeira de ter de escolher entre alguns acontecimentos e outros para se noticiar.

Os valores-notícias são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao

público [...]. Os valores/notícias são qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de serem incluídos. (WOLF, 2003, p. 23).

Demarcar o conceito de valor-notícia no território do acontecimento em si não significa, porém, ignorar a presença do sujeito-jornalista diante da matéria-prima noticiosa. Portanto, partimos do pressuposto de que a notícia é uma construção social, então, os valores-notícias constituem referências claras e disponíveis a conhecimentos compartilhados a respeito da natureza e objetos das notícias.

6 AS REPRESENTAÇÕES DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DO DSC

A construção de uma realidade social se dá a partir da interação entre indivíduos que se organizam em representações coletivas. Como parte disso, há o envolvimento institucionalizado que constitui matrizes de ação e afirmação desta realidade, fazendo do sujeito um portador das determinações sociais. Esse conjunto de elementos sociais é construído a partir da formação de sentidos inerente à capacidade humana de perceber o ambiente e criar novas perspectivas. Esse ciclo de acontecimentos sociais tem por base elementos de informatividade que permitem a produção do conhecimento, designando assim, a interação social dos indivíduos.

Nesse panorama, as unidades jornalísticas contribuem para as condições de construção social da informatividade na produção da notícia. Buscou-se, portanto, compreender, por meio de uma pesquisa de campo, como se dá socialmente este processo de construção. As questões sociais apontadas pela pesquisa levam em consideração a subjetividade do indivíduo e sua formação cognitiva, portanto, a base metodológica do estudo apresenta-se numa perspectiva qualitativa. De acordo com Lefévre e Lefévre (2003), a pesquisa qualitativa permite conhecer o pensamento de um grupo sobre um dado tema, pois os pensamentos, para serem acessados, na qualidade de expressão da subjetividade, precisam passar pela consciência humana, e as pesquisas qualitativas de base indutiva são capazes de recuperar e resgatá-los nesse espaço da consciência.

Dessa condição, distanciamos, portanto, de outros métodos que não estejam no campo qualitativo, uma vez que a discursividade dos sujeitos envolvidos no processo de produção de notícias apresenta-se como “janelas” para observação analítica que possibilitam a construção de sentidos. Por assim considerar, na pesquisa adotamos o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), em que, para Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 17), as ideais centrais dos discursos “podem ser resgatadas através de descrições diretas do sentido do depoimento, revelando o que foi dito ou através de descrições indiretas e mediatas que revelam o tema do depoimento ou sobre o que o sujeito enunciado está falando”.

Sustentados nesse campo, os estudos foram levantados e aprofundados na dimensão cognitiva levando em consideração o sujeito atuante no jornalismo como o centro da ação metodológica. É dele a extração de falas que representam a realidade social e política evidenciada no cotidiano das produções de notícias em unidades jornalísticas.

Como base de sustentação a subjetividade, a pesquisa preocupou-se em identificar, através da abordagem qualitativa, os sentimentos expostos pelos editores de texto de telejornais, em emissoras de televisão da Paraíba, para tomada de decisão na seleção de notícias a serem divulgadas como elemento informativo. Conforme Minayo (1996), a

pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Neste sentido, torna-se evidente a abrangência do DSC, como técnica de análise de discurso, que se revela como um instrumento ordenado e eficaz de comunicação que está na base de todas as representações sociais, na medida em que, em última instância, resultam de processos interacionais articuladores da construção social da realidade. Nesse sentido, o DSC se articula com as representações coletivas e sociais na condição instrumental da comunicação vista como meio para compreender os fenômenos, e as questões sociais e ideológicas que estrategicamente definem a informatividade na produção da notícia nas unidades jornalística.

Como parte inicial da pesquisa, procurou-se acompanhar *in loco* a demanda operacional no dia-a-dia do núcleo (redação) onde se recebe, processa e usa a informação para produção de notícias. Segundo Chizzotti (2000, p. 89), “[...] a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde o pesquisador e pesquisado assumem voluntariamente uma posição reativa”. A partir da observação, buscou-se compreender como funcionada os processos de produção de notícia, reconhecendo as dificuldades e apreendendo os mecanismos de busca e disseminação da informação através da rotina de trabalho dos profissionais jornalistas.

A partir da observação, foi possível reconhecer os sujeitos que determinam a linha editorial do programa de televisão que divulga notícias, bem como perceber as preferências pela informatividade e a maneira como a notícia ganha forma até ser veiculada como produto jornalístico. Esses encaminhamentos subsidiaram a deliberação em torno dos sujeitos a serem pesquisados, reconhecendo o perfil político-ideológico, suas raízes culturais e a relação com as redes informacionais (fontes) que subsidiam os dados que compõem a notícia.

Foram realizadas duas visitas em emissoras de televisão situadas em João Pessoa. A primeira foi durante o processo de apuração e produção das notícias veiculadas na edição noturna do *Jornal da Correio*, telejornal exibido pela TV Correio, afiliada da rede Record na Paraíba. Em um segundo momento, foi possível acompanhar os mesmos processos noutra emissora com perfil editorial e ideologias distintas à TV Correio. Desta feita, a TV Clube, afiliada da Band na Paraíba, no programa *Aqui na Clube*, exibido ao meio dia, cuja linha editorial atende à área policial.

As duas investigações *in loco* foram fundamentais para estabelecer critérios e elaborar o roteiro para coleta dos dados. Sem o conhecimento prévio do funcionamento de cada

emissora, não seria possível reconhecer os problemas recorrentes da área, a forma de atuação dos jornalistas, bem como evidenciar os processos que envolvem a produção de notícias nas unidades jornalística e seus aspectos de informatividade.

6.1 Caracterização da pesquisa

Para obtenção dos resultados, foram aplicadas técnicas interpretativas que visam decodificar os componentes de um sistema complexo de significado, portanto, os métodos da pesquisa têm como característica a qualitatividade. No entanto, não se trata de uma abstração sem relação com a concretude, mas construídas a partir das particularidades observadas na coleta e no agrupamento dos dados, sendo a significação elemento importante na abordagem qualitativa, cujo interesse está na maneira como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas, crenças, subjetivações. Sendo assim, a investigação qualitativa traz luz à dinâmica interna das situações.

Para Minayo (1996), no âmbito da pesquisa qualitativa, não se vê na subjetividade obstáculo à construção de conhecimentos científicos; antes, nesse tipo de abordagem, considera-se a subjetividade como parte integrante da singularidade do fenômeno social. Gomes (1994) reforça que é importante articular as conclusões que vão surgindo dos dados concretos com conhecimentos mais amplos e abstratos.

Nesse caminho, Minayo (1996) destaca a diferença entre os aspectos quantitativo e qualitativo afirmando ser uma questão de natureza. No caso da pesquisa social, a abordagem qualitativa aprofundaria a investigação do universo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível diretamente e não captável em equações, médias e estatísticas. Nesse panorama, o DSC é uma forma de apresentar os resultados de uma pesquisa qualitativa objetivando expressar o pensamento do grupo, como se o grupo fosse, ele mesmo, autor do discurso (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

Sustentado pela subjetividade dos profissionais pesquisados, foi possível compreender as particularidades do discurso que envolve a produção da notícia em unidades jornalística. Essa extração foi possível a partir da aplicação de entrevista oral e, esta, materializada através da transcrição de cada fala, denotando os sentidos, caracterizando os sentimentos e categorizando as expressões de cada discurso professado.

6.2 Universo e Amostra da Pesquisa

Há diretrizes institucionais que determinam a construção de discursos e sentidos durante a produção de notícias em unidades jornalísticas. Essa condição é evidente entre os profissionais envolvidos, logo, os mecanismos de controle editorial estão imbuídos no cotidiano de repórteres, editores e produtores da notícia. A partir da observação *In loco*, conforme realizado preliminarmente à aplicação da entrevista foi possível conhecer esses encaminhamentos.

É oportuno destacar que essa condição, em regra, é transmitida pelo corpo diretivo da empresa de comunicação que o veículo está sob domínio, bem como sua vinculação política. O direcionamento institucional tem como receptor o profissional jornalista responsável pela edição do produto jornalístico e, este, tem em suas atribuições recomendar ao repórter o “delineamento” da notícia de interesse empresarial. Nesse sentido, a pesquisa focou na ação editorial na atividade laboral de editores de texto em telejornalismo e também nos repórteres que produzem a informação para os programas televisivos. Com efeito, estes são quem definem as pautas e conduzem a produção das notícias, posteriormente selecionadas e assim divulgadas em seus canais informativos, sempre a partir de análise e recomendações institucionais.

O universo da pesquisa abrangeu às sete emissoras de televisão detentoras de concessão pública, no Estado da Paraíba, a saber, TV Correio (Record), TV Arapuã (Rede TV), TV Tambaú (SBT), TV Cabo Branco (Globo), TV Clube (Band), TV Paraíba (Globo) e TV Borborema (SBT). Exceção às duas últimas, que estão instaladas na cidade de Campina Grande, todas se encontram na cidade de João Pessoa, capital do Estado. Esse contingente faz parte da cadeia de emissoras de televisões comerciais cuja funcionalidade depende de concessão pública, estas, portanto, aptas a operar no estado da Paraíba.

Para delimitação da pesquisa, como objeto de estudo, optou-se por duas destas empresas. Baseado em Richardson (1999, p. 157), é “impossível obter informações de todos os indivíduos ou elementos que formam parte do grupo que se deseja estudar; seja porque o número de elementos é demasiadamente grande, os custos são muito elevados ou ainda porque o tempo pode atuar como agente de distorção”.

Minayo (1996), ao discutir sobre a questão da amostragem na pesquisa qualitativa, esclarece que nesta há uma preocupação menor com a generalização. Na verdade, há a necessidade de maior aprofundamento e abrangência da compreensão. Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam.

Como sujeitos da pesquisa, além de identificar os problemas, analisam-nos, discriminam as necessidades prioritárias e propõem ações mais eficazes (CHIZZOTTI, 2000).

Na perspectiva de delimitar no universo da pesquisa, foi escolhido um editor de texto em duas emissoras de televisão que pertencem a grupos diferentes. Ao mesmo tempo, foi selecionado um repórter atuante em cada uma dessas emissoras. O primeiro campo de investigação se deu no Sistema Correio de Televisão, afiliada a Rede Record na Paraíba. O segundo na TV Clube, afiliada Band na Paraíba. As duas emissoras possuem em sua grade de programação telejornais, programa com grande variedade de notícias veiculadas. Nesse sentido, em cada emissora foi aplicada entrevista oral com um editor de texto e um repórter. Os temas abordados durante a entrevista foi baseado em roteiro previamente elaborado objetivando responder aos questionamentos da pesquisa.

Estes são recortes de amostragem qualitativa para investigação nas unidades jornalísticas, pois têm aspectos diferentes quanto à cultura, ideologias e taxas diferenciadas de audiência, sendo o Sistema Correio o primeiro colocado na aferição do Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE), enquanto a TV Clube está colocada em quinta posição, ocupando, portanto, o último lugar na audiência. Além dessas características, as duas emissoras atendem a grupos empresariais distintos. Enquanto a primeira tem abrangência estadual, a última pertence a um conglomerado de empresas de comunicação pertencentes ao grupo Diários Associados, herança do pioneiro Assis Chateaubriand. Sendo, portanto, recortes que evidenciam linhas editoriais diferentes, apresentando evidências mais apropriadas para investigação no campo científico.

6.3 Métodos de Coleta e Sistematização de Dados

Tomando por base a análise do DSC e suas diretrizes, optamos para fins de coleta de dados a aplicação de entrevistas orais semi-estruturada. Para Minayo (1996), a entrevista é um meio de obter informações contidos nas falas dos atores sociais e instrumento de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos de pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. É justamente pelo discurso que se pode compreender melhor a relação entre linguagem, pensamento e mundo porque o discurso mede essas relações sendo uma de suas instâncias concretas (ORLANDI, 1996).

Com o uso desse instrumento de coleta de dados extraímos elementos suficientes para descrever a realidade vivenciada pelos profissionais jornalistas imbuídos da responsabilidade de captar e disseminar informações. Outrossim, a entrevista é um instrumento adequado à

coleta de elementos subjetivos que possam apresentar indícios de respostas aos questionamentos levantados pela pesquisa. Essas características estão dentro da proposta do DSC como metodologia adotada. Para fins desse estudo, levamos em consideração apenas os discursos que inerentes as condições da produção de notícias em unidades jornalísticas, observando a informatividade e a construção de sentidos presentes nas falas. Esse recorte permitiu conhecer as estruturas institucionais que controlam a disseminação da informação como elemento jornalístico e as forças que governam seus fluxos.

Para operacionalizar o estudo foi necessário esquematizar três etapas. Em um primeiro momento foi realizado análise *In loco*, através de visitas para acompanhar o andamento e processos de produção de notícias em unidades jornalística. A partir da observação do ambiente e das diretrizes de trabalho dos jornalistas, foram selecionados os sujeitos pesquisados; Na segunda fase, foi elaborado o roteiro para entrevista oral contendo 36 (trinta e seis) itens, entre perguntas, preenchimentos de dados pessoais e profissionais. Por último, a aplicação da entrevista oral.

Para fins de análise do DSC foi considerado apenas 9 (nove) perguntas, sendo estas aplicadas com objetivo de evidenciar os processos que envolvem a produção da notícia e as condições de informatividade nas unidades jornalísticas. Os demais dados foram fundamentais para conhecer o universo social, político e ideológico do entrevistado, bem como perceber os sentimentos envolvidos no cotidiano da atividade jornalística.

Todas as entrevistas foram realizadas fora do ambiente profissional dos editores e repórteres e aplicadas de maneira a não condicionar o entrevistado ao tratamento formal, mas proporcionar um ambiente tranquilo e sem interferências que pudessem esconder a realidade.

De acordo com Marconi e Lakatos (2001), a entrevista é geralmente utilizada em estudos exploratórios, a fim de possibilitar ao pesquisador um conhecimento mais aprofundado da temática que está sendo investigada. A estratégia visa permitir ao entrevistado a condição de liberdade discursiva. Conforme sustentação teórica, na redação onde atuam tais profissionais, há influências e condições que não permitiriam os entrevistados esboçarem a percepção de lugar enquanto responsáveis pela divulgação de notícias jornalística. É oportuno destacar que foi utilizado equipamento de filmagem para captar a oralidade, bem como expressões corporais presentes na fala.

O entrevistador, por sua vez, não esboçou reações de concordância ou advertência a fim de evitar qualquer indução ao sujeito entrevistado, conforme Lefèvre e Lefèvre (2005). Após a realização de todas as entrevistas já gravadas, os discursos foram transcritos em arquivo de texto no programa *Word* e, posteriormente, realizado estudo-piloto.

Na sistematização dos dados, foi utilizado o *QualiquantiSoft®*¹, que corresponde a um *software* que facilita a mensuração dos dados coletados a partir da tabulação de toda documentação levantada durante a pesquisa. O sistema de autoria de Fernando Lefrèvre e Ana Maria C. Lefrèvre foi desenvolvido a partir da teoria do DSC que define a metodologia qualitativa. É oportuno ressaltar que o sistema não ocupa o lugar do pesquisador, conforme tutorial disponível no software, “o *Qualiquantisoft* não faz nada pelo pesquisador, mas faz muita coisa para o pesquisador”.

Para uso, houve a necessidade de liberação de licença para instalação dos recursos e componentes, sendo este feito através de contato direto com os fornecedores e mediante custeio financeiro foi possível obter a licença de uso. Os componentes do *Qualiquantisoft* permitiram arquivar todos os dados dos entrevistados, da pesquisa e assuntos relacionados. A partir dessa catalogação, foi possível realizar as tarefas necessárias à construção dos Discursos do Sujeito Coletivo.

De acordo com as diretrizes do DSC foram adotados na pesquisa três elementos metodológicos, a saber: Expressão-chave (ECh), que são fragmentos das falas que revelam a essência do depoimento; a Ideia-Central (IC), que somente a partir da leitura de cada ECh é possível identificar a IC, esta que descreve sinteticamente e de maneira mais fidedigna possível o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto da ECh; e, por fim, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) formado por esses elementos.

Lefèvre e Lefèvre (2005) consideram ainda outro elemento metodológico denominado Ancoragem (AC), que se trata de uma manifestação lingüística evidenciada a partir de uma dada teoria da representação social que o autor do discurso professa para assim generalizar sua afirmação sobre uma situação específica. No entanto, em todo depoimento existe uma (ou várias) IC, mas apenas alguns depoimentos existem a AC. Nesse sentido, a pesquisa identificou mais de uma IC evidente nos discursos analisados, porém, percebeu a ausência de Ancoragem, não aparecendo, nos resultados das análises discursivas.

6.4 Análise e Construção do DSC

Os procedimentos de análise e discussão dos resultados foram realizados, primeiramente, através da oralidade. Observou-se a maneira de agir, pensar e elaborar as notícias produzidas cotidianamente. Desse modo, o trabalho adotou os seguintes procedimentos:

¹ Disponível em: <<http://www.spi-net.com.br/cadcli.asp>>.

- Observância ao discurso lingüístico e suas manifestações de crenças, ideologia, percepção de mundo, vontades e saberes;
- Extração dos discursos o sentido de cada objeto discursivo, recorrendo a interpretações das “expressões-chaves” presentes na subjetividade do pesquisado;
- Levou-se em consideração o contexto em que se dá o discurso oral, descrito pela percepção presencial do pesquisador qualitativo;
- Elaboração de texto coeso composto por todos os elementos constitutivos do discurso e suas diferentes expressões cognitivas;
- Elaboração de quadro-síntese com todas categorias de análises esboçadas da maneira mais fiel possível das manifestações orais de origem;
- Por fim, foi realizada a leitura de todas as categorias e sua reelaboração textual, analítica e contextual.

De acordo com a proposta de Lefèvre e Lefèvre (2003), o analista do DSC precisa estar atento à elaboração de seis etapas para concretizar os dados coletados. Sendo assim, na primeira foi realizada a descrição integral do conteúdo referente a todas as respostas dos pesquisados. Essa descrição foi inserida na coluna destinada as ECh.

Na etapa seguinte, foram identificadas em cada resposta as EC's na IC;

No terceiro passo, foi preciso identificar e descrever as IC a partir de cada ECh, sempre colocando nas suas colunas específicas.

A quarta etapa consistiu no agrupamento da IC, que tenha o mesmo sentido, equivalente ou complementar. Para diferenciar cada uma, foi preciso etiquetar seguindo a ordem A, B, C, etc.

No quinto passo, criou-se para cada agrupamento uma IC síntese que expressasse da maneira mais fidedigna possível todas as IC's do mesmo sentido, equivalente ou complementar.

O sexto e último passo foi subdividido em duas etapas. A primeira corresponde à construção do DSC e consistiu em copiar na coluna ECh todas as expressões-chave do mesmo agrupamento. A segunda fase, por sua vez, foi construída verdadeiramente o DSC. Para isso, foi necessário adotar algumas regras: ter começo, meio e fim; seguir do mais geral para o menos geral e mais particular, proceder à normalização a fim de desparticularizar o discurso e, por fim, o discurso grafado em itálico e sem aspas.

Todas as expressões identificadas na oralidade dos pesquisados foram catalogadas no *Quantiqualisoft*. A partir das respostas dos entrevistados foram extraídas as evidências

discursivas que marcavam o controle das ações institucionalizadas que regem a disseminação da notícia enquanto produto jornalístico. As categorizações foram elaboradas com base nas repetições de termos durante as falas, estas, considerados no âmbito do DSC, como ideias centrais.

7 AS CONDIÇÕES DA INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS

No campo da Comunicação Social, o termo informatividade não aparece nas pesquisas científicas. Muito raramente alguns teóricos aproximam a reflexão baseados em conceitos de noticiabilidade, universo amplo da teoria do jornalismo que trata desde as condições organizacionais da notícia aos fundamentos ético-epistemológicos. Partindo desse

pressuposto, comprehende-se por noticiabilidade todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, sendo constitutiva por complexos requisitos de seleção do material informativo. E, essa seleção não acontece de forma aleatória, mas sob domínios e forças culturais que regem a comunicação da notícia. Essa condição é sustentada pelo autor Mauro Wolf, um dos teóricos que explica a noticiabilidade, como resultante da cultura profissional e seus valores, assim como também da organização do trabalho.

Sendo assim, o produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção. (WOLF, 2003, p. 195).

Nesse horizonte, a Ciência da Informação analisa tais critérios a partir de conceitos inerentes à informatividade sendo guiados por reflexões que indicam o significado do conceito “informação”. É preciso, antes de tudo, considerar que “informatividade” é um conceito originado no campo da Linguística Textual que, na contemporaneidade, defende a formação discursiva como resultado de outras demandas informacionais. “Um discurso vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual ele toma posição”. (VAL, 1991, p. 15).

Ao que interessa a pesquisa, retornamos ao conceito sob a égide teórica da Ciência da Informação sem abandonar a raiz do termo “informatividade”. Partindo dessa premissa, é importante considerar a “Análise de Domínio” de Hjorland (2002) e Capurro e Hjorland (2003, 2007) quando defendem o compartilhamento de opiniões como determinantes para definir critérios de relevância que fazem com que algo seja informativo.

Sendo assim, recorremos à teoria do jornalismo, a partir do conceito de Wolf (2003, p. 196), quando defende que “a noticiabilidade é constituída pela complexidade de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia”. E foi partindo dessa premissa que a pesquisa buscou compreender os aspectos lingüísticos e informacionais que permeiam a produção de notícias em unidades jornalísticas. Observamos as condições de informatividade da notícia a partir das relações existentes entre empresas e profissionais atuantes no campo jornalístico.

7.1 As forças que governam a comunicação da notícia

No campo prático da pesquisa, constatamos uma variedade lingüística presente nos discursos dos profissionais que atuam em unidades jornalísticas na condição de produtores e comunicadores da notícia. As expressões presentes na oralidade indicam regras de controle e poder institucionalizado sob o domínio político e econômico que regem a disseminação da informação jornalística nos noticiários televisivos.

De acordo com as diretrizes do DSC, a IC é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, da maneira mais sintética e precisa possível, o sentido presente nas EChs selecionadas de cada uma das respostas e, em cada conjunto semanticamente homogêneo de EChs de respostas de indivíduos diferentes. A partir das análises dos discursos observados nas 36 (trinta e seis) respostas provenientes dos 4 (quatro) entrevistados, foi possível identificar 23 (vinte e três) ICs, a saber: ordem econômica; liberdade; controle; ordem política; força política; econômica; linha editorial; moeda de troca; controle; censura; desordem; falta de material; dedicação; relativismo; impedimento institucional; noticiabilidade; interesse coletivo; ética; humanização; informação detalhada; troca; publicidade; aprendizagem.

Em geral, as IC identificadas revelam a força de governabilidade das instituições mercantis que autorizam as informações a serem processadas e divulgadas nos canais televisivos do Estado da Paraíba. À deriva desse processo está o profissional jornalista, que em tese, é habilitado para o tratamento das notícias a serem divulgadas através da mídia de maneira a contemplar a coletividade com informações basilares do cotidiano, no entanto, dependem de autorizações institucionais regidas por vontades política e econômica.

A resposta a primeira pergunta, elaborada com base no sentimento profissional dos jornalistas pesquisados, evidencia a ausência de liberdade editorial do profissional quanto a sua atribuição de selecionar e divulgar a notícia. Além do discurso presente nas respostas, é possível identificar a IC de cada jornalista evidenciando a síntese do DSC. Entre os fatores de controle está a “Ordem Econômica”. Condição lembrada por González de Gomez (2012, p. 43) a partir da concepção de dispositivos de controle, compreendendo estes “como um plexo de relações e agências, um regime de informação exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem”.

FIGURA 3 - Pergunta 1 | Resposta Repórter 1

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS	
1 - Você se sente inteiramente livre para atuar na sua função de jornalista?	
A - ORDEM ECONOMICA	
<hr/>	
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	
<p>Repórter 1 Onde eu estou não, hoje não. É uma questão editorial e é uma questão empresarial. Existe muito dinheiro envolvido..</p>	

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

O entrevistado pode expressar sua condição atual de dependência a uma ordem econômica, apesar de apontar o sentimento de que em outras empresas onde trabalhou, havia um menor potencial de controle das informações, sendo a divulgação regida pelo setor comercial da emissora.

Onde eu estou não, hoje não. A TV Cabo Branco, apesar de ser uma afiliada Globo, e ter fama de ser engessada, ela me dava muita autonomia para falar sobre tudo, inclusive, para tecer meus comentários políticos. Era tudo muito independente, e, acredite, eu nunca fui chamada a atenção por qualquer comentário que fiz. Em Manaus, a empresa dava total liberdade, apesar de ter parceiros, apesar de uma série de coisas a empresa não influenciava nas reportagens que queríamos fazer. Qualquer denúncia, qualquer coisa, nós fazíamos, nós tínhamos um jornalismo independente, onde eu estou não. É uma questão muito... é uma questão editorial e é uma questão empresarial. Existem as parcerias entre empresas e tudo mais... se é que eu posso chamar assim. E existe questão.... muito dinheiro envolvido... e... o comercial influencia demais no jornalismo local, na emissora onde eu estou hoje. Então, existem muitas matérias que não podemos fazer e existem muitas matérias que caem por conta das matérias recomendadas. (REPÓRTER 1 – 2014).

Partindo do pressuposto de que sistemas econômicos e políticos exercem poder durante a produção da notícia, podemos considerar a informação jornalística como o resultado de uma modelagem adaptada a interesses individuais tendo como consequência a manipulação das informações, estas que modificam o estado de conhecimento a partir de sua apreensão. Paralelo a este acontecimento está à construção social, pois, conforme Buckland (1991) a aprendizagem depende do sentido significativo da informação, sendo o conhecimento condicionante ao que se vê, lê, ouve ou presencia. Le Coadic (2004) considera a informação um elemento de sentido, portanto, seu significado depende da transmissão a um ser consciente através de uma mensagem em um suporte, seja ele impresso ou digital. Nesse sentido, recorremos a González de Gómez (1997) quando considera o princípio setorial ou corporativo

como dominantes na produção dos conhecimentos, pois estes definem os objetos e objetivos, concedendo valores e significações do ser social.

Na mesma pergunta direcionada aos outros dois jornalistas é possível identificar, durante as respostas, características de um discurso literal onde a palavra “liberdade” é compreendida como a ferramenta necessária para o desempenho funcional do autor dos discursos midiáticos. É preciso, neste sentido, entender o contexto social dos sujeitos envolvidos na pesquisa para perceber a influência do poder econômico exercida na atividade jornalística desempenhada por estes profissionais.

FIGURA 4 - Pergunta 1 | Resposta repórter 2 e editor 1

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICA 1 - Você se sente inteiramente livre para atuar na sua função de jornalista? B - LIBERDADE
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO Repórter 2 - Tem coisas que a gente não pode fazer e tem que cumprir o que a empresa pede. Editor 1 - A gente obedece ordens e assim que funciona em todas as emissoras.

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

Os dois entrevistados ocupam funções distintas e atuam em empresas de comunicação diferentes. A primeira é repórter da TV Clube e o segundo é editor de texto na TV Correio. Embora atuantes em campos distintos do jornalismo, os dois expressam seus discursos baseados no cerceamento de liberdade editorial promovido pelas empresas representadas. De maneira mais contundente, há generalizações no discurso de “Editor 1”, testificando o imperativo de controle editorial em todas as emissoras de televisão da Paraíba, conforme discurso:

Não. Em nenhum veículo de comunicação. Eu acho que não é possível você se sentir inteiramente livre porque quem comanda na verdade é a emissora e os interesses da empresa, então, a gente tenta não pecar contra o jornalismo, mas a gente acaba pecando por que a gente obedece ordens e assim que funciona em todas as emissoras. (EDITOR 1, 2014).

É possível identificar, no discurso de “Repórter 2”, proximidade de sentidos entre liberdade e censura. Pois, há de certa maneira concessões editoriais que indicam a construção da notícia de maneira livre, porém, em regra é preciso obedecer aos ditames empresariais,

conforme enuncia: “*Não, inteiramente, não. Porque tem coisas que a gente não pode fazer e tem que cumprir o que a empresa pede*”.

Por outro lado, sujeitada ao mesmo questionamento, “Editor 2”, editora chefe da TV Clube, deixa claro que não recai sobre a apuração da notícia algum mecanismo de controle durante sua atividade profissional.

FIGURA 5 - Pergunta 1 | Resposta Editor 2

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICA	
1	- Você se sente inteiramente livre para atuar na sua função de jornalista?
C	- CONTROLE

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Editor 2 tem uma certa liberdade sim, de escolher as matérias que vão...
--

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

Em outro momento da fala, reconhece a liberdade editorial concedida somente para casos específicos, a exemplo de notícias factuais, conforme considera os acontecimentos imediatos e concretos.

Me sinto!... tem uma certa liberdade sim, de escolher as matérias que vão ao ar. Se bem que um programa de cunho policial busca muito o factual, as coisas que estão acontecendo... aconteceu e a gente não tem muito o que escolher, não. A gente tem mais é que buscar a informação, buscar o material e colocar no ar. (EDITOR 2, 2014).

Em análise geral, podemos concluir, nesse primeiro momento, que os discursos se entrelaçam a um mesmo sentido: a força que governa os fluxos de informação durante a produção de notícia nas unidades jornalísticas. Nesse caminho, podemos identificar os aspectos políticos e sociais que influenciam a organização e a comunicação da notícia enquanto estrutura significante, conforme objetivo específico da pesquisa. É evidente a influência econômica como principal regulador da disseminação da notícia pelas unidades jornalísticas. Embora os sujeitos representem apenas um recorte do universo de profissionais atuantes na área é possível considerar suas falas de maneira global do segmento o qual representam. O questionamento levantado teve como objetivo perceber os aspectos que influenciam diretamente a comunicação da notícia enquanto estrutura significante e, nesse sentido, percebemos o domínio econômico como fomentador desse processo. Nesse entrelaçamento de ideias e acontecimentos na produção da notícia, fica evidente a condição de

tal como oferta de mercadoria, conforme ressalta Traquina (2001) ao falar da teoria etnoconstrucionista, compreendendo a informação jornalística (notícia) como o resultado de uma cadeia produtiva em que estratifica e transforma os acontecimentos em matéria-prima, como sendo um produto.

7.2 Autorizações política para o controle editorial

A forma de produção da notícia em unidades jornalística não é em regra conduzida meramente sob holofotes econômicos, mas principalmente político. Fatores identificados nos discursos extraídos durante a pesquisa indicam a supremacia de instituições orquestradas por autores políticos que ordenam e controlam a linha editorial de emissoras de televisão no estado da Paraíba. Os fluxos de informação obedecem, portanto, necessariamente a estas regras, por conseguinte, as fontes que subsidiam as informações, por vezes, são de assessorias dos próprios sistemas políticos. Kobashi e Tálamo (2003) consideram a existência de interconexões entre conteúdo registrado e a forma da informação como produto informacional direcionado a segmentos de usuários. O espelho dessa condição reflete um cabedal ideológico e cultural que domina as forças de decisão, escolhas e direcionamento político-social.

A notoriedade desses “figurões” que atuam nesse controle é reconhecida por profissionais do jornalismo, mas pouco notado pelos receptores da informação que é produzida no âmbito dessas empresas. É pertinente refletir sobre o manejo, a técnica e a intenção inerentes ao envolvimento dos sujeitos que produzem informação e daqueles a quem estas são direcionadas. É o que Baudrillard (2003) denomina de comunicação do “fazer-crer”, pois a forma social em que se articulam as fontes e os autores do processo comunicacional é induzida por “maquinarias” que representam o “fazer-agir”.

A obediência às regras estabelecidas por essas instituições parece ser condicionante para manutenção da estabilidade profissional dos jornalistas que atuam e desempenham suas atividades nessas empresas. Essa condição é evidenciada na fala proferida por “Editor 2” quando questionada sobre as interferências de ordem política ou social que refletem na tomada de decisão durante a seleção de notícia.

FIGURA 6 - Pergunta 2 | Resposta Editor 2

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALISTICA

- 2 - Em algum momento houve interferências de ordem econômica, política ou social que influenciou na sua carreira enquanto jornalista? Quais foram essas interferências?
- C - LINHA EDITORIAL

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Editor 2 A gente só deixa de exibir se realmente essa for a linha que a empresa quer.

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

O Discurso do Sujeito Coletivo extraído da fala do sujeito pesquisado revela a interferência direta das instituições políticas na decisão editorial, pois, está condicionada à análise prévia da empresa quanto ao contexto em que o fato jornalístico foi gerado, sendo, portanto, passível de não veiculação, caso venha recair em desfavor de interesses individuais, embora a notícia seja de interesse coletivo. Nesse sentido, fica a sociedade sem acesso à informação, estando à mercê de manipulações institucionais.

Tal contexto é ressaltado por Foucault (2012) ao sugerir aos modelos de supressão de saber pelas forças dominantes que comunicam, disseminam informação e materializam através dos seus discursos. É reconhecida a intenção de interdição da fala, suprimindo os discursos através de dispositivos de controle.

Os preceitos e normas conveniados entre empresas e políticos são direcionados aos produtores e gestores de informação das unidades jornalísticas. Os profissionais conhecem os ditames e obedecem rigorosamente às regras, logo, essas condições são a garantia de estabilidade profissional. A liberdade editorial fica, de certo modo, subjugada a autorizações políticas vinculadas a gestão empresarial. Essa é uma das evidências notadas nos discursos proferidos pelos pesquisados “Repórter 2” e “Editor 1”, que se aproximam quanto à indicação de fatores políticos como influenciadores no desempenho profissional.

Podemos afirmar que as diretrizes editoriais indicam uma obediência dentro de um regime de informação, que González de Gómez (2012, p. 61) considera como um modelo de organização institucional onde se define os atores sociais e econômicos detentores do controle informacional, pois “não é banal, de fato, a força estrutural e estruturante dos dispositivos contemporâneos de comunicação e informação”.

FIGURA 7 - Pergunta 2 | Resposta Repórter 2 e Editor 1

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS	
2 - Em algum momento houve interferências de ordem econômica, política ou social que influenciou na sua carreira enquanto jornalista? Quais foram essas interferências?	
A - ORDEM POLÍTICA	
<hr/>	
DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	
Repórter 2	- Principalmente de política.
Editor 1	Respeitar por exemplo, o momento da emissora com o governo estadual, com o governo municipal...

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

O imperativo institucional é conhecer e respeitar as relações políticas estabelecidas pela empresa de comunicação, considerada na pesquisa como unidade jornalística e, assim, produzir notícias cujo foco seja beneficiar essas articulações. Durante as entrevistas realizadas, os sujeitos parecem estar conformados com essa condição, logo, reconhecem a força dos sistemas que negociam seus favores. Através das falas dos jornalistas pesquisados foi possível perceber certa impossibilidade de reger suas funções fora dessa realidade. Não é possível trilhar externo aos contornos desenhados pelas instituições que têm o domínio das relações e preservam ao seu favor o contexto das informações produzidas e disseminadas.

Essa realidade há uma razão de existir. Foucault (2012) ressalta que os discursos na sociedade são controlados, selecionados e organizados. Uma das formas de manter esse controle é através das instituições, que instauram e/ou reproduzem os discursos. Há rituais, regras e normas pré-estabelecidas que constroem e denomina a posição em que cada indivíduo deve ocupar. Conforme o autor, essas instituições têm como objetivo dominar e conduzir os discursos visando a instaurar uma verdade, considerada por ele uma “vontade de verdade”, ou seja, aquela que é proliferada nos discursos a partir de intenções ideológicas, políticas, religiosas e de outros dispositivos.

Essa é uma indicação apresentada durante a fala de “Repórter 1”, representada pelo discurso transcrito a partir da entrevista oral, em que ficou evidente as condições de informatividade nos processos de produção, comunicação e uso da informação nas unidades jornalística.

FIGURA 8 - Pergunta 2 | Resposta Repórter 1

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS	
2 - Em algum momento houve interferências de ordem econômica, política ou social que influenciou na sua carreira enquanto jornalista? Quais foram essas interferências?	
B - ORDEM ECONÔMICA	

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	
Repórter 1 Tudo gira em torno de dinheiro, inclusive, as relações políticas; é muito mais importante que se mantenha as coisas em ordem	

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

No discurso de “Repórter 1” é possível identificar pelos menos três situações que evidenciam essas relações políticas, a saber: a troca de benefícios, a dependência financeira que advém da política e a manutenção do controle editorial. Essa tríade está presente nas relações institucionais estabelecidas entre a gestão empresarial das unidades jornalísticas e representantes políticos. Essa combinação reflete no controle direto da linha editorial adotada por jornalistas responsáveis pela produção e disseminação da informação jornalística. Por sua vez, a divulgação das notícias depende de autorizações que são regidas por fatores políticos e econômicos. Essa natureza da informação jornalística parece não ser apenas uma condição na esfera do Estado da Paraíba, mas também uma realidade evidenciada em outros Estados, conforme apresentou um dos discursos dos sujeitos pesquisados. Tal evidência não abrange os objetivos específicos do estudo, mas indica a possibilidade de ampliação da pesquisa em outra etapa.

FIGURA 9 - Pergunta 3 | Resposta Editor 1

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS	
3 - Você acredita que em outro estado brasileiro, que não seja a Paraíba, há mais liberdade de imprensa?	
A - FORÇA POLÍTICA	

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	
Editor 1 acho que em todos os lugares acontece, trabalhei fora da Paraíba, e era uma TV de político, cujo dono é um político, e a gestão era voltada aos interesses políticos.	

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

FIGURA 10 - Pergunta 3 | Resposta Repórter 2

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JOURNALISTICA	
3 - Você acredita que em outro estado brasileiro, que não seja a Paraíba, há mais liberdade de imprensa?	
C - CONTROLE	

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Repórter 2 Eles controlam de uma forma ou de outra.

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

FIGURA 11 - Pergunta 3 | Resposta Repórter 1

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JOURNALISTICA	
3 - Você acredita que em outro estado brasileiro, que não seja a Paraíba, há mais liberdade de imprensa?	
B - MOEDA DE TROCA	

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Repórter 1 tudo recai sobre o jornalismo. É como se fosse uma moeda de troca.

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

Embora atuem nas unidades jornalísticas na Paraíba, é basilar considerar a opinião dos profissionais pesquisados para além de seus contornos, pois, o DSC é uma proposta de reconstituição de um ser empírico coletivo opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular. O social falando na primeira pessoa do singular é o regime natural de funcionamento das opiniões ou representações sociais.

Esses conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de "coletividade falando"; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas representações sociais, fazendo com que uma ideia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo "encorpado", desenvolvido, enriquecido, desdobrado. (LEFEVRE; LEFEVRE; MARQUES, 2009, p. 1194).

É percebida no discurso dos sujeitos a condição do jornalismo como “moeda de troca”, levando a confirmação de fortes influências econômicas e políticas como condições de produção da notícia jornalísticas. E são esses pilares que dão “forma” ao contexto do que é veiculado como informação jornalística. Nessas condições, está à base da construção da

informatividade no processo de produção da notícia em unidades jornalísticas. Não podemos considerar a apreensão das informações de forma isolada por aqueles que a propagam, mas reconhecer a posição do indivíduo como interpretante desses acontecimentos. Hessen (1999) destaca os atributos individuais que condicionam o sujeito durante a busca, a organização e o uso da informação.

Essas variáveis são condições que influenciam a apropriação da informação pelo sujeito, de maneira a modificar seu estado cognitivo, conferindo-lhe posições de fala e de poder enquanto agente social. Resultante desse processo está o estado de conhecimento do indivíduo a partir das informações que são disseminadas. Esse aspecto é levantado por Nonaka e Takeushi (1997, p. 80) quando consideram que “o conteúdo do conhecimento criado por cada modo de conversão do conhecimento é naturalmente diferente.

7.3 A construção de sentido da informação: das condições de produção além da notícia

Os processos que envolvem a produção da notícia seguem ditames que vão além da apuração, produção e disseminação da informação jornalística. É uma cadeia de acontecimentos que dão forma ao contexto e modelam a notícia como produto. Para isso dependem dos fatores políticos, econômicos e sociais, como já foi discutido. Para além da notícia e aquém desses aspectos, há a própria condição do profissional envolvido responsável pela produção da informação jornalística. O primeiro deles é o cerceamento da liberdade editorial e depois a própria estrutura funcional das empresas. Esses dois aspectos foram evidenciados durante a coleta de dados e expostos pelos profissionais pesquisados em entrevista oral, catalogados no DSC do estudo.

Esses acontecimentos interferem diretamente na construção de sentido da informação, sendo, pois, as condições estruturais das empresas basilares para dar forma aos acontecimentos cotidianos e estes serem comunicados à sociedade. A notícia para ganhar caráter público depende de mecanismos técnicos e operacionais. Nessa perspectiva, as redes de sentido entre a ética e a técnica não ocupam posições dicotômicas. Conforme Latour (1994), é preciso considerar a participação tecnológica nesse processo, sem desconsiderar as “etiquetas” que se trata de uma questão de interconectar máquinas, processos, pessoas e natureza cultural que envolve a produção da informação enquanto particularidade do conhecimento. Barreto (2002) levanta a possibilidade de transferência de informação para geração do conhecimento, considerando a informação enquanto processo e critérios de informatividade para construção de sentido.

Na medida em que a notícia se torna pública é inegável a sua condição de promover a mudança social, sendo esta em diversos níveis. A partir dessa concepção, Lage (2005) reforça a abrangência do conceito de notícia como sendo a elucidação daquilo que não era visto, porém, sua disseminação depende de interesse e manejo com que determinados dados e acontecimentos se tornam abrangentes e compreensíveis.

Nesse sentido, buscamos identificar as diretrizes e dificuldades enfrentadas por profissionais para exercer a função de jornalista, bem como os mecanismos utilizados para divulgar os acontecimentos do cotidiano. Os sujeitos pesquisados apontaram quatro situações agravantes que comprometem a disseminação da informação pelas unidades jornalística. A primeira trata-se da ausência de autonomia mediante a seleção de notícias a ser veiculada, depois a falta de critérios na contratação de profissionais habilitados para exercer a função, outro aspecto é a falta de condições operacionais para atender à demanda de informações e acontecimentos do cotidiano e por último, foi apresentado como subsídio para superar essas dificuldades o envolvimento e a dedicação do jornalista com a prática funcional nas unidades jornalísticas.

FIGURA 12 - Quadro 1 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central - DSC

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICA		
4 - Em sua concepção, qual a principal dificuldade para exercer a função de jornalista?		
	Expressões Chave	Idéia Central
Editor 1	É você não ter as mãos totalmente livres para conduzir da forma que você acha que realmente tem que ser conduzida, sob as influências políticas.	não ter as mãos totalmente livres para conduzir
Repórter1	O mercado extremamente fechado. contrata muito mais porque vai com a cara do que pela competência..eu acho que está tudo muito fora de ordem.	acho que está tudo muito fora de ordem
Editor 2	No caso do noticiário policial a gente tem dificuldade quando a gente perde o fato naquele momento,	dificuldade quando a gente perde o fato naquele momento
Repórter2	primeiro você tem que gostar muito do que faz por que senão não sai do canto.	gostar muito do que faz

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

Os aspectos apontados pelos sujeitos indicam um estágio de estrição profissional enfrentados por jornalistas no âmbito das redações, ambiente onde se recebe, processa e dissemina conteúdos informacionais. O repórter 1 pesa em seu discurso a falta de critério e preparo dos profissionais frente à seleção daquilo que pode ou merece ser propagado como notícia.

Uma executiva da cidade disse que contrata muito mais porque vai com a cara do que pela competência. Isso me chocou e me mostrou como tudo é muito provinciano. E me fez pensar o que danado eu estou fazendo aqui? Por que não adianta, eu quero fazer um jornalismo massa, sabe? Um jornalismo que tenha envolvimento com a comunidade, um jornalismo responsável, que eu possa chegar e

investigar, mas as pessoas que estão saindo da faculdade estão saindo com um senso tão trocado, tão avesso do que é jornalismo e do que é notícia, e chegam pessoas completamente despreparadas, sabe? Colocando dinheiro acima de tudo... claro que dinheiro... pra você ver, tem jornalista que está na universidade ainda, aqui, nem se formou e já coordenador de assessoria, eu realmente não entendo esses conceitos, é tudo muito...eu acho que está tudo muito fora de ordem.(REPÓRTER 1, 2014).

Os atributos de relevância e propósitos demandados pela prática jornalística parecem enfraquecidos frente a estas ocorrências, pois, essas condições podem incidir no desfalecimento do caráter primordial na produção de notícias que é a qualidade da informação e a veracidade dos fatos. Essas medidas comprometem repórter e editores de texto durante a rotina do trabalho nas unidades jornalísticas. Aliado a essas ocorrências que desalinhham o caráter jornalístico, está o cerceamento da liberdade editorial por profissionais habilitados na produção de notícias, conforme discurso do Editor 1, quando questionado a respeito da dificuldade pessoal de executar as atividades rotineiras do jornalismo. “*A única ressalva é justamente isso, é você não ter as mãos totalmente livres para conduzir da forma que você acha que realmente tem que ser conduzida, sob as influências políticas*”.

A ordem editorial que faz o delineamento da informação de interesse empresarial não se trata de uma exceção para veicular as notícias, mas uma regra em todos os ambientes jornalísticos. A veiculação da notícia é compreendida nesse estudo como a prática da proliferação dos discursos, sendo assim, Foucault (2012, p.50) considera os discursos como “práticas descontínuas que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”. Nesses processos de exclusão e inclusão, está inserida a intenção do sujeito que produz a informação e a compreensão do sujeito que recebe a informação jornalística. Por outro lado, González de Gómez (2003, p. 72), a partir da concepção de dispositivos de Michel Foucault, afirma que “toda ação de transferência de informação independente de nossos desejos e competências singulares”, pois todos os encaminhamentos dos fluxos informacionais alcançam dimensões estruturais, tecnológicas e cognitivas que estão interligados como redes de controle.

É notório o desencantamento do profissional que testifica essa determinação, que controla esse fluxo para não sair da “ordem” editorial e, por vez, compromete a estrutura significante da ação de divulgar o que seja de interesse coletivo, conforme quadro 2 da síntese das EChs extraída do discurso dos sujeitos envolvidos no estudo, no que se refere à identificação dessa ordem editorial expressa.

FIGURA 13 - Quadro 2 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central - DSC

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICA			
5 · Existe uma ordem editorial ou institucional pela emissora que você trabalha e que deve ser respeitada durante esse processo de produção de notícia? Como ela acontece?			
	Expressões Chave	Idéia Central	
Editor 1	isso não é uma prática constante na empresa em que eu trabalho	não é uma prática constante	A
Repórter2	As vezes, sim. Quando é uma matéria, por exemplo, recomendada, geralmente, a editoria pede, faça assim aí eu sigo.	geralmente, a editoria pede, faça assim aí eu sigo.	B
I Repórter1	Sim, eu não vou fazer minha matéria que denuncia a prefeitura, por mais que ela seja de interesse social	por mais que ela seja de interesse social	B
Editor 2	existe uma certa...digamos assim, hierarquia da notícia	existe uma certa hierarquia da notícia	C

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

Percebe-se um nivelamento institucional para a construção moldada da notícia, ou seja, a forma e a intenção dependem muito mais dos interesses empresariais e não social como a essência do jornalismo ético recomenda. Por outro lado, o profissional jornalista não age de maneira isenta condicionado à prática da informação sem interfaces, mas está refreado a atender essas demandas comerciais e políticas. Resultante desse processo há o conflito entre a ética profissional e a moralidade do sujeito responsável por disseminar a informação, condicionado ao cumprimento dos ditames institucionais e não ao modo como a notícia realmente acontece. O entrelaçamento dessas práticas é discutido por Dupas (2001), quando evoca o desejo do retorno a uma macroética, isto é, a uma ética da responsabilidade que dissolve a concepção de que tudo é válido se for economicamente viável. É uma corrente de forças contínuas que parecem não ser possível quebrar. Conforme Foucault (2013, p. 224), “o papel da ideologia não diminui à medida que cresce o rigor e que se dissipar a falsidade”.

7.4 Noticiabilidade e informatividade: interfaces na produção de notícias

A seletividade da informação está presente durante o processo de produção da notícia. Porém, os critérios de seleção não são gratuitos, há sempre uma intenção, um motivo específico ou global. Esses processos contemplam amplo debate nas discussões teóricas que tratam de noticiabilidade, no campo da Comunicação Social, e informatividade para a Ciência da Informação. Embora os dois termos apontem para o mesmo sentido, há diferenças e complementaridades.

No que se refere aos resultados catalogados nos discursos dos jornalistas pesquisados, interesse maior nesta etapa do estudo, a notícia é apontada como um elemento social que deve atender às necessidades coletivas de maneira responsável e ética. Esse deve ser o espelho a refletir na demanda informacional durante o processo de escolha dos elementos a compor a notícia, sendo essa tarefa atribuída ao profissional da área.

Durante o processo de seleção da informação como notícia jornalística, o uso das fontes apresenta-se como recurso fundamental para decisão de incluir ou excluir determinado dado ou acontecimento. Esse mecanismo é discutido por González de Gómez (1997) quando considera as redes de relacionamentos como condutores de todo esse processo, pois, há uma complexidade de nós (*links*) que estabelecem relações entre os indivíduos e os meios culturais e organizacionais que compõem esses entrelaçamentos informacionais. Para Recuero (2009, p. 26), “os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

O que foi percebido durante o estudo é a falta de critério para essa seleção, muito embora os jornalistas atuantes nas redações reconheçam os interesses sociais que devem estar envolvidos nesses processos. Há impedimentos, ordens e juízos que regem essa seleção. São os aparelhos ideológicos que conduzem a difusão da notícia, ou dos discursos conforme Foucault (2013). No quadro 3 da síntese de EChs e IC, é possível perceber o critério individual de jornalistas, seja na função de editor ou repórter, para selecionar as notícias processadas por esses profissionais, levando em consideração as fontes de informação que subsidiam os dados para produção da notícia.

FIGURA 14 - Quadro 3 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central - DSC

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICA

6 - E o que não é importante ser veiculado como notícia? O que você excluir, o que deixa de fora durante esse processo de seleção de notícia?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Repórter 1	eu posso informar para o meu telespectador o que vai melhor a vida dele, pra mim é um interesse social. Eu faço jornalismo voltado para as pessoas	jornalismo voltado para as pessoas	A
Editor 1	notícia tem que interessar a uma coletividade, tem que interessar a massa.	notícia tem que interessar a massa	A
Editor 2	o que a gente exclui é o que não tem informação oficial, que ainda é incerto, que há muitas dúvidas . Se não tem confirmação é impraticável. É até um risco de dá.	Se não tem confirmação é impraticável	B
Repórter 2	Importante é ouvir os dois lados	Importante é ouvir os dois lados	B

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

Há inúmeros “valores notícias” que operacionalizam a divulgação dos acontecimentos. Nesse caso, observa-se que o entendimento dos sujeitos pesquisados se complementa, apontando a responsabilidade social como cabide dos valores notícia. É ressaltado o interesse profissional de divulgar o que interessa a coletividade, que tenha qualidade e contemple a veracidade dos fatos-notícias, sem deixar de fora a versão de todos os personagens envolvidos na história a ser contada. É o que podemos considerar de troca informativa, na medida em que, conforme Capurro (2003, p. 5), a “informação não é algo que comunicam duas cápsulas cognitivas com base em um sistema tecnológico”. Para o autor, o marco de um grupo social que se apropria de informações depende de sistemas de informação que possam dar sustentação a várias etapas no processo de comunicação a informação, como a coleta, a organização, a interpretação, o armazenamento, a recuperação, a disseminação e, por fim, o uso do conhecimento.

Os discursos em torno do entendimento operacional para seleção de notícias revelam o conhecimento e a vontade dos jornalistas na prática do jornalismo comprometido com a sociedade, no entanto, admitem fazer uso de técnicas e trucagem que dão novos contornos à notícia, remodelando de forma a tornar a informação mais robusta de acontecimentos, deixando assim mais “atraente” para o público, o que vai garantir maior evidência, maior destaque e, consequentemente aumento da audiência, conforme quadro 4. Nesse campo, recorremos ao conceito de “valor notícia” de Wolf (2003), que estabelece os critérios de seleção mediante o grau de interesse do usuário da informação. “Os valores/notícias são qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de serem incluídos”. (WOLF, 2003, p. 23).

FIGURA 15 - Quadro 4 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central - DSC

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS

8 · É utilizado algum mecanismo que possa tornar a matéria atrativa e isso gera audiência?

	Expressões Chave	Idéia Central	
Editor 1	separar os melhores momentos da entrevista que vão ilustrar a reportagem e da forma que o repórter conduziu encaixar essas falas	separar os melhores momentos da entrevista que vão ilustrar a reportagem	A
Repórter 1	vou por aquilo que me tocou, eu vou pôr criativo, então, aquilo que de alguma forma me chamou a atenção, que me desperta eu creio que vai despertar quem vai assistir.	que me desperta eu creio que vai despertar quem vai assistir	A
Editor 2	A gente tenta trazer mais informações para fazer um pouco mais diferente. Essa é a nossa luta do dia a dia.	a gente tenta trazer mais informações	B

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

O que se questiona é o fator decisório por parte do telespectador, de que maneira é assimilado por este. A reflexão é levantada sem intenção de resolver, mas como proposta para um novo estudo que se preocupe em responder a receptividade do telespectador da notícia. Para o que propõe o presente estudo, é basilar compreender que há uma intenção, embora alinhavada no aspecto social, de enaltecer a notícia como elemento atrativo e gerador de audiência, para isso, são indispensáveis o uso de recursos e julgamentos de idéia, aliada à prática de seleção de notícia.

Esse complexo mecanismo que envolve a produção da notícia contempla aspectos culturais e ideológicos dos autores inseridos nesses processos, os jornalistas que manipulam, de certa maneira, as informações jornalísticas. Na visão dos fatos, os critérios também são elaborados a partir dos fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público e imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores.

Todo esse aparato técnico-ideológico permite ao próprio jornalista reconhecer a notícia como elemento de poder econômico, por vez, tratada como mercadoria, conforme quadro 5.

FIGURA 16 - Quadro 5 Síntese das Expressões Chave e Ideia Central - DSC

A INFORMATIVIDADE NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIA EM UNIDADES JORNALÍSTICAS

9 · Você acredita que a informação pode ser considerada uma mercadoria? Porque?

Expressões Chave		Idéia Central	
Repórter 2	Durante a produção dela está envolvido dinheiro	Há oferta e há procura	A
Repórter1	ninguém faz jornalismo gratuitamente, não é? há uma relação de troca, por isso, então, acredito que torna-se uma mercadoria, sim.	ninguém faz jornalismo gratuitamente; há uma relação de troca	A
Editor 1	tem uma sobrecarga de merchants dentro do programa que pra mim aquele programa vira mais uma mercadoria do que um informativo.	excesso de conteúdo publicitário.	B
Editor 2	acho que é uma mercadoria, sim e que deve ser absorvidas da melhor forma possível	deve ser absorvidas da melhor forma possível	C

Fonte: Relatório do *Qualiquantisoft* (2014).

De maneira geral, os sujeitos pesquisados apresentam em seus discursos a idéia de notícia-valor como uma necessidade social que é entregue sob intenção meramente mercantilista. Por outro lado, aparece a idéia de geradora de conhecimento, sendo por tanto uma mercadoria no sentido de oferta de sentidos, conforme idéia central catalogada na fala de “Editor 2”. O resultado indica um comprometimento com a unidade informativa, que é geradora do conhecimento. Com base na argumentação de Barreto (2002) de que a geração de conhecimento é uma modificação no estoque mental do indivíduo, que resulta da interação entre sujeito e a obtenção da informação, podemos considerar que as unidades jornalísticas não têm alcançado o seu papel primordial que é promover a construção social a partir de comunicação de notícias.

Constatamos que essa responsabilidade independe do profissional que produz e dissemina as informações, mas de uma série de elementos que atuam no controle editorial a partir de aparelhos ideológicos. Esse conjunto é ressaltado por Focault (2012), quando apresenta os rituais, as regras e as normas estabelecidas pelas instituições governantes como ferramentas eficientes que definem a posição que um indivíduo deve ocupar em determinado diálogo e, consequentemente, os enunciados que devem produzir e o comportamento adequado a adotar no âmbito social. É nesse prisma que circula a cadeia produtiva que maneja os fluxos de informação necessários à construção da notícia em unidades jornalísticas. Nesse sentido, as fontes que subsidiam a construção da informação jornalística aparecem limitadas

aos indivíduos que dominam as esferas institucionais, seja no campo político, econômico ou cultural das organizações.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa parte de uma análise crítica sobre métodos e processos que envolvem a produção da notícia em veículos de comunicação, sobretudo em emissoras de televisão na Paraíba, consideradas no estudo como unidades jornalísticas. Os mecanismos de controle são institucionalizados a partir de esferas política e econômica. A proposta é investigar os processos de produção de notícia em unidades jornalísticas e suas condições de informatividade para construção de sentidos. É importante considerar que no entremedio desse processo está a possibilidade de gestão do conhecimento e da informação.

Nesses campos foram discutidos os aspectos teóricos que apontam para a possibilidade da notícia como forma de conhecimento, pois se considera que a comunicação jornalística é dotada de elementos informacionais e a notícia um produto do meio, sua produção condicionada à gestão da informação possibilita moldar os dados para, então, disseminá-los. É possível defender a possibilidade de criação do conhecimento a partir da divulgação de acontecimentos.

Nesse horizonte, questiona-se a possibilidade de transferência de informação como método de geração do conhecimento considerando os processos e critérios de informatividade que desencadeiam na construção de sentido. Investigamos os processos que fundamentam a notícia enquanto produto informativo. Para isso, considera-se um ciclo que se movimenta em direção às práticas jornalísticas que compreende os processos de receber, interpretar, investigar e disseminar as informações, obrigatoriamente nessa ordem. Tais etapas estão inseridas em um complexo regime, próprio dos sistemas de comunicação, que norteia a produção do conteúdo através de um *modus operandi* e determina sua distribuição mediante um *modus significandi*.

A pesquisa, em sua fase prática, foi concentrada na aplicação de entrevistas orais com profissionais inseridos no contexto operacional das redações, núcleo onde se processa e dissemina a notícia nas unidades jornalísticas. A seleção dos pesquisados perpassou algumas dificuldades, entre elas, a disponibilidade e interesse dos jornalistas em conceder informações necessárias para extrair os resultados do estudo de maneira a contemplar os objetivos da pesquisa. A principal barreira foi colher, de maneira fidedigna e sem interferências, os depoimentos dos indivíduos. Pois, há sempre receio de revelar os mecanismos de controle exercidos pelas instituições jornalísticas. Depois, a catalogação dos dados no *Qualiquantisoft*, pois é necessário conhecimento prévio do seu funcionamento, além de critérios para seleção dos dados a ser inserido para obtenção do Discurso do Sujeito Coletivo.

As primeiras análises partiram de uma observação *in loco* nesses sistemas que operam e controlam os discursos modelados e proferidos para atender a demandas políticas e econômicas, resultando assim no condicionamento da sociedade para a obediência a tais normas e procedimentos do mercado da comunicação. Nesse caminho estão os profissionais da prática jornalística que atuam sob a tutela das instituições que regulamentam e disseminam a informação como notícia a partir da produção mercantilizada. Estes que ficam à deriva de todo o processo, embora sujeitos participativos dessa construção. Foi constatado que as diretrizes editoriais obedecem a um regime de informação, que, segundo González de Gómez (2012), trata-se de um modelo de organização institucional onde se define os atores sociais e econômicos detentores do controle informacional.

Há um imbricado de interesses envolvidos. Em primeira instância, o próprio consumidor da informação, considerado nesse contexto como receptor da informação jornalística, sobretudo, dos acontecimentos do cotidiano. Enquanto isso, este mesmo sujeito é o alicerce para os interesses das instituições regulamentarem suas normas de controle, acesso e uso da informação que resulta em mecanismos de poder. Há uma rede de conexões que converge para produção da notícia e, esta, alimentada por um capital social, política e econômica. A tecnologia favorece a movimentação dessa rede quando amplia as possibilidades de uso e compartilhamento das informações, pois as relações institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento são mútuas.

Nesse prisma, defende-se a necessidade de refletir quanto à procedência das fontes e a veracidade dos fatos circulantes na rede de composição da informatividade que resultada na construção de sentidos. Logo, a disseminação da notícia por meio dos veículos de comunicação possibilita a alteração do estado de conhecimento do sujeito a respeito de algum fato. A movimentação ou o deslocamento das estruturas significantes da informação se dá através do contato e da interação com outras fontes de informação.

Identificou-se, através dos discursos em entrevista oral de repórteres e editores de texto atuantes na produção de notícia para telejornais das emissoras TV Clube/Band e TV Correio/Record, a demarcação editorial imposta pelas empresas de comunicação. Ressalta-se que a constatação não está vinculada exclusivamente à condição e às diretrizes estabelecidas pelas referidas emissoras do universo da pesquisa, mas se trata de um parâmetro geral no âmbito do mercado profissional do jornalismo. Foi evidenciado o controle editorial para práticas de apuração e produção da informação jornalística, sendo estas condicionantes do processo de informar.

Em categorias discursivas, conforme diretriz do Discurso do Sujeito Coletivo, método utilizado no estudo, pode-se identificar vinte e três Ideias Centrais que nortearam os resultados qualitativos da pesquisa. Estes lançaram luz sobre a maneira de atuação das empresas quanto à formatação do aspecto social da notícia, construída a partir de holofotes de interesses econômicos e políticos.

Considerando as forças que governam a comunicação da notícia, os jornalistas expressaram estarem submetidos à ordem econômica e ao controle editorial absoluto das empresas, por vezes, censurados ao emitir opinião que venha interferir nesses interesses individuais. Considera o imperativo político como entrave para exercer a função social do jornalismo de informar e defender a sociedade, sobressaindo sempre a produção de notícia através de “moeda de troca”. A falta de humanização no contexto da notícia apresenta-se como falha, sem interesse coletivo, mas a notícia pela mercadoria para um mercado publicitário.

É, portanto, passível de questionamentos a prática jornalística nas empresas de comunicação, que, por sua vez, compromete o caráter social da informação, sobretudo, da notícia como produto jornalístico. Paralelo a estas constatações, preocupa-nos a formação do profissional jornalista e as exigências do mercado que não tem adotado critérios de seleção destes. Embora não compreenda o objetivo da pesquisa, mas o tema apresenta-se como possibilidade de ampliar o estudo nesse horizonte.

Em síntese, conclui que há forte influência econômica como um dos principais reguladores da disseminação da notícia pelas unidades jornalísticas, estando a política acima dessa instância, pois é farol que instrui o estabelecimento de regras e controles editoriais nos veículos de comunicação. A notoriedade desses “figurões” que atuam nesse controle é reconhecida por profissionais do jornalismo, mas provavelmente pouco notado pelos receptores da informação produzida no âmbito dessas empresas. A pesquisa não aprofunda esse tema, mas lança a possibilidade de investigação em outros estudos.

Podemos constatar que o fluxo da informação que envolve a construção da notícia, percorre pelo menos três etapas até a divulgação dos acontecimentos, a saber, recepção, apuração e descrição. No entanto, a modelagem e os contornos da notícia nesses processos dependem de diretrizes institucionais estabelecidas por indivíduos que detém o poder político e econômico, logo, os discursos disseminados através das notícias. Em função desses encaminhamentos, as fontes subsidiárias da notícia tornam-se limitadas aos sujeitos detentores desse poder. Consideramos, por conseguintemente, que essas condições interferem

na confiabilidade da notícia que por vez atende a particularidades específicas e coletivas como reza a ética jornalística.

Sendo assim, podemos considerar que os preceitos e as normas conveniadas entre empresas e políticos são direcionados aos produtores e gestores de informação das unidades jornalísticas. Os profissionais conhecem os ditames e obedecem rigorosamente as regras, logo, essas condições são a garantia de estabilidade profissional. Por último, esses acontecimentos interferem diretamente na construção de sentido da informação, sendo, pois, as condições estruturais das empresas basilares para dá forma aos acontecimentos cotidianos e estes serem comunicados à sociedade.

Consideramos, em síntese, que as condições de informatividade nos processos de produção, comunicação e uso da informação nas unidades jornalísticas atendem a contexto político e econômico que resultam na organização e comunicação da notícia enquanto estrutura significante de interesse individualizado e não coletivo.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, S.M. de. **Glossário de Biblioteconomia e ciências afins**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- BARRETO, A. A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392002000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- _____. **A questão da informação**. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 8,n.4, p. 03-08, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. A brancura operacional. In: _____. **A transparência do mal**. Ensaios sobre os fenômenos extremos. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2003, p. 51- 57.
- BETTENCOURT, M. P. L.; CIANCONI, R. B. **Gestão do Conhecimento**: um olhar sob a perspectiva da Ciência da Informação. In: XIII ENANCIB, 2012, Rio de Janeiro. ANAIS DO XIII ENANCIB, 2012.
- BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: _____. **Handbook of theory and Research for Sociology of Education**, New York, Greenwood, J.G. Richardson, 1986. Disponível em: <<https://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/bourdieu-forms-capital.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>>. Acesso em: 16 jun. 2014.
- CAMPELLO, B. S. Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 22, n. 1, jan./jun. 1998, p.35-46.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 28 jun. 2014.
- CAPURRO, R. Foundations of information science: review and perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 1991, Tampere. Electronic Proceedings... Tampere: University of Tampere, 1991. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 28 jun. 2014.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. The concept of information. **Anunual Review of Information Sciense & Technology**, v.37, p. 343-411, 2003.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação, **Perspectivas em Ciência da Informação**. Informação, Belo Horizonte, v. 12, n.1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/54/47>>. Acesso em: 21 jul.2014.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões; tradução: Eliana Rocha. São Paulo: Editora Senac, 2003.

COLEMAN, J. **Foundations of social theory**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=a4Dl8tiX4b8C&oi=fnd&pg=PR15&dq=COLEMAN,+J.+Foundations+of+socia_l+theory.+Cambridge,+MA:+Harvard+University+Press,++1990&ots=qCZvV1HXEh&sig=HuGxyrup2bTkHsU9qMr10ZRi6tA#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 27 Jul. 2014.

DRUCKER, P. **A Administração na próxima sociedade**. São Paulo; Nobel, 1999.

DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 2012.

GENRO FILHO, A. Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Tche, 1987.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. Em: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social – teoria, método e criatividade. 18.ed., Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 67-80.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 60-76, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15974.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

_____. Regime de Informação: construção de um conceito. **Informação e sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/14376/8576>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. globalização e os novos espaços da informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1/2, p. 23-39, 1997.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento.** Tradução: Gervillio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HJØRLAND, B. Domain analysis in Information Science: Eleven approaches – traditional well as innovative. *Journal of Documentation*, v.58, n.4, p.422-462, 2002.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In **Horizonte Antropológicos**. Vol. 18, n. 37, p. 25-44. Alegre Jan./Jun 2012. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>> Acesso em: 20 out. 2014.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, edição especial, p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em:
<<http://revistas.puccampinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=5>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

KUMAR, K. **Da sociedade industrial à pós-moderna:** novas teorias sobre o mundo contemporâneo. 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

LAGE, N. A **Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos:** ensaio de Antropologia simétrica. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação.** Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 2004.

LEFÈVRE, F.; LEFEVRE, A.M. **Depoimentos e discursos:** uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

_____. C. **O discurso do sujeito coletivo:** um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LIN, N. **Social Capital:** a theory of social structure and action. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação.** 2. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2006.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2001.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKY, R. S. Estrutura e principais propriedades da informação científica. In: GOMES, H. E. (Org.). Ciência da Informação ou Informática? Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ). Ed. Vozes, 1996.

MUÑOZ TORRES, J. R. Aproximación al concepto de información periodística especializada. In: ESTEVE RAMÍREZ, F. (Coord.). **Estudios sobre información periodística especializada**. Valencia: Fundación Universitaria San Pablo C.E.U., 1997. p. 25-41.

AZEVEDO NETTO, C. X.. Signo, Sinal, Informação: as relações de construção e transferência de significados. **Revista Informação e Sociedade: Estudos**, v.12, n.2, 2002, p.1-13. Disponível em:
http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_f61135c5e3_0013351.pdf Acesso em: 11 nov. 2014

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa:** como as empresas japonesas geram a dinâmica de inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ORLANDI, E. P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PRUSAK, L. Where did knowledge management come from? **IBM Systems Journal**, v. 40, n. 4, p. 1002-1007, 2001.

PUTNAM, R. D. **Bowling Alone**. New York: Simon & Schuster, 2000.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

REIS, M. M. O. **Acesso e uso do portal de periódicos CAPES pelos professores da Universidade Federal do Acre**. 2005. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://pgcin.paginas.ufsc.br/files/2010/10/REIA-Margarida.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2014.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication** Urbana, IL: University of Illinois Press, 1972. Disponível em: <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=584093> Acesso em: 14 jul. 2013.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo. Unisinos, 2001.

WOLF, M. Teorias da comunicação de massa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAL, M.G.V. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZINS, C. *et al.* Mapa do Conhecimento da Ciência da Informação: implicações para o futuro da área. **Brazilian journal of Information Science**, v. 1, n. 1, p. 3-32, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.success.co.il/is/bjis-2007.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.